

CARINA FERNANDES DE ANDRADE DE FREITAS  
KATIANA POSSAMAI COSTA PADOIN  
(Organizadoras)

# Diversas maneiras de imaginar o mundo



2016 ©Copyright UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense  
Av. Universitária, 1105 – Bairro Universitário – C.P. 3167 – 88806-000 – Criciúma – SC  
Fone: +55 (48) 3431-2500 – Fax: +55 (48) 3431-2750

---

*Reitor*

Gildo Volpato

*Pró-Reitora de Ensino de Graduação*

Maria Aparecida da Silva Mello

*Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão*

Luciane Bisognin Ceretta

*Pró-Reitora de Administração e Finanças*

Kátia Aurora Dalla Líbera Sorato

*Diretora da Unidade Acadêmica de Humanidades,  
Ciências e Educação- UNAHCE*

Ângela Cristina Di Palma Back

*Coordenação Geral do Colégio UNESC*

Daiana Silveira Colombo Dieter

*Coordenação Pedagógica do Ensino Médio do Colégio UNESC*

Roseli Viola Rodrigues

*Conselho Editorial*

Dimas de Oliveira Estevam (Presidente)

Alex Sander da Silva

Fabiane Ferraz

Marco Antonio da Silva

Melissa Watanabe

Nilzo Ivo Ladwig

Oscar Rubem Klegues Montedo

Reginaldo de Souza Vieira

Ricardo Luiz de Bittencourt

Tiago Elias Allievi Frizon

Vidalcir Ortigara

Willians Cassiano Longen



**PROPEX**  
Pró-Reitoria  
de Pós-Graduação,  
Pesquisa e Extensão

**Unahce**  
Unidade Acadêmica  
de Humanidades,  
Ciências e Educação



CARINA FERNANDES DE ANDRADE DE FREITAS  
KATIANA POSSAMAI COSTA PADOIN  
(Organizadoras)

Diversas  
maneiras  
de imaginar  
o mundo



Editora da UNESC

*Editor Chefe*

Dimas de Oliveira Estevam

*Produção textual*

Alunos do Terceiro Ano do Ensino Médio do Colégio UNESC

*Revisão ortográfica e gramatical*

Guilherme Medeiros Honorato

*Projeto gráfico, diagramação e capa*

Rita Motta, sob coordenação da Gráfica e Editora Copiart

*Imagem da capa*

Criada a partir de um esboço do aluno Hiörran Sebastian Taufembach

---

*As ideias e demais informações apresentadas nesta obra são de inteira  
responsabilidade de seus organizadores e autores.*

---

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

D618 Diversas maneiras de imaginar o mundo [recurso eletrônico]  
/ Carina Fernandes de Andrade de Freitas, Katiana  
Possamai Costa Padoin, organizadoras. – Criciúma, SC:  
UNESC, 2016.  
100 p. : il.

ISBN:978-85-8410-059-0

Modo de acesso: <[http://www.unesc.net/portal/capa/  
index/300/5886/](http://www.unesc.net/portal/capa/index/300/5886/)>

Vários colaboradores.

1. Ensino superior – Estudo e ensino. 2. Processo  
ensino-aprendizagem. 3. Professores universitários –  
Formação. 4. Prática de ensino. 5. Didática do ensino  
superior. I. Título.

CDD. 22ª ed. 378.125

Bibliotecária Rosângela Westrupp – CRB 0364/14ª  
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

# Autores

Beatriz Rodrigues Da Silva

Fernanda Vitali

Gabriele Schuck

Giórgia Silva Dos Santos

Guilherme Francisco Rocha De Carvalho

Hiôrran Sebastian Taufembach

João Vitor Soares

Júlia Carvalho

Loren Menegildo Dos Passos

Manuela Willemann Zanatta

Maria Laura Somara

Sarah Hereibi

Saulo Rogério Pacheco Rocha

Seendy Guedin

Victor Felipe Burato

Victor Henrique Da Silva

Victor Machado Dos Santos

Vitória Novaresi Deolindo



# Apresentação

**E** escrever não é uma tarefa fácil, mas, com esforço e dedicação, é possível! Foi isso que os alunos do Terceiro Ano do Ensino Médio do Colégio UNESC fizeram ao escrever este livro. A proposta dessa obra era fazer com que os alunos contassem uma história em uma obra de ficção, curta, cujo universo e personagens remetesse à fantasia e à imaginação, partindo do pressuposto de que as pessoas sempre contaram histórias, reais ou fabulosas, oralmente ou por meio da escrita. A maioria dos alunos participou dessa atividade que teve o nome **"Diversas maneiras de imaginar o Mundo"**, título criado em conjunto com os alunos, em sala de aula. O desafio foi a escrita de contos, a fim de prender o interesse do leitor na leitura, uma vez que os contos simulam sensações de terror, pânico, surpresa, amor, gratidão, entre outras emoções que são despertadas pelos contos. Aproveitamos esse espaço para agradecer ao aluno Hiôrran Sebastian Taufembach, que, gentilmente, criou a ilustração da capa, e a todos que participaram desse projeto com empenho e dedicação, pois escreveram retratando a imaginação, com autenticidade, beleza e emoção. Tudo isso nos leva a crer que temos talentosos escritores em nosso meio.

**Prof.<sup>a</sup> Carina Fernandes de Andrade de Freitas**  
**Prof.<sup>a</sup> Katiana Possamai Costa Padoin**

# Sumário

<i>A menina, o lobo e o príncipe</i>	9
<b>BEATRIZ RODRIGUES DA SILVA</b>	
<i>O amor vence tudo</i>	11
<b>FERNANDA VITALI</b>	
<i>Perdoar é o remédio, não a cura!</i>	17
<b>GABRIELE SCHUCK</b>	
<i>Encontro de Alyson e Giórgia</i>	21
<b>GIÓRGIA SILVA DOS SANTOS</b>	
<i>A garota das redes sociais</i>	22
<b>GUILHERME FRANCISCO ROCHA DE CARVALHO</b>	
<i>A casa da montanha</i>	27
<b>HIÓRRAN SEBASTIAN TAUFEMBACH</b>	
<i>Um ataque sem consciência</i>	32
<b>JOÃO VITOR SOARES</b>	
<i>Um amor de viagem</i>	36
<b>JÚLIA CARVALHO</b>	
<i>Hormônios podem ser perigosos</i>	40
<b>LOREN MENEGILDO DOS PASSOS</b>	

<i>Desrealização</i>	47
MANUELA WILLEMANN ZANATTA	
<i>Amor e crime</i>	54
MARIA LAURA SOMARA	
<i>Um desses momentos</i>	60
SARAH HEREIBI	
<i>Nova crônica da conquista</i>	65
SAULO ROGÉRIO PACHECO ROCHA	
<i>Coronel Pedro</i>	74
SEENDY GUEDIN	
<i>Um amor e duas editoras</i>	80
VITÓRIA NOVARES DEOLINDO	
<i>O amanhecer</i>	86
VICTOR MACHADO DOS SANTOS	
<i>Memórias</i>	91
VICTOR FELIPE BURATO	
<i>Trocando hábitos</i>	96
VICTOR HENRIQUE DA SILVA	





## A menina, o lobo e o príncipe

**A** menina foi à floresta, caiu no buraco e, depois, chamou a ambulância. De repente, avistou um lobo na floresta. A menina, assustada, ficou com medo. Quando a menina foi para casa, a mãe dela ficou muito triste:

— Por que você foi ao hospital? Seu pai estava trabalhando, fiquei nervosa!

— Por favor, eu não consigo respirar! — disse a menina.

A menina não conseguia respirar, enquanto a mãe falou:

— Minha filha, tu estás bem? Eu fiquei muito preocupada!

— Foi o susto do lobo — disse a menina.

— Que lobo? — Perguntou a mãe.

— O lobo que eu vi lá na floresta. Ele é muito feio!

— Então, vamos à floresta procurar o lobo.

Elas foram à floresta e procuram em todos os lugares, mas não encontraram o lobo. Instantes depois, ouviram barulho na árvore. Elas correram e o lobo saiu atrás delas.

— Socorro! Socorro! Socorro! — gritaram desesperadas.

O lobo, depois de muito correr, cansou. Um príncipe ouviu os gritos da menina e da mãe, e foi ajudar.

— O que está acontecendo? — perguntou o príncipe.

— Estamos correndo do lobo! — respondeu a menina.

O príncipe ficou parado olhando para a menina e pensou: "*Que menina linda, vou ajudá-la!*". Ele pegou o cavalo e correu em direção ao lobo. O lobo, quando o príncipe chegou, fugiu para bem longe. O príncipe voltou e disse à menina:

— Tudo certo, o lobo não irá mais incomodar. Você está salva!

— Meu herói! — disse a menina.

Os dois se abraçaram e ficaram juntos. A mãe da menina ficou muito feliz.

**BEATRIZ RODRIGUES DA SILVA**

Aluna do 3º ano do Colégio Unesc

**[Voltar ao sumário]**

# O amor vence tudo

**E**ra um dia lindo e ensolarado na cidade de Oxford, onde Daniel seguia para o seu primeiro dia na faculdade de Direito. A empolgação era tanta que seus olhos brilhavam de emoção.

Em duas semanas de aula, conheceu Yara, uma garota que cursava o terceiro semestre de Psicologia. Os dois ficaram superamigos e parceiros de estudos. Com o tempo, o sentimento de amizade entre eles foi ficando cada vez mais intenso e, depois de sete meses, assumiram um relacionamento sério.

Foi uma fase nova para ambos, já que eles nunca haviam namorado antes. Apesar de alguns conflitos e problemas, os dois se amavam e, a cada dia que passava, o sentimento deles aumentava. Gostavam de curtir praias, sair com os amigos, passar os finais de semana próximos aos pais e conhecer lugares diferentes.

Yara cresceu sonhando em ser mãe, ter filhos correndo pela casa e várias histórias para contar. Depois de alguns anos, perguntou ao Daniel:

— Amor, você já pensou em ser pai?

Daniel ficou encabulado com a pergunta. Confuso, não achou palavras para responder à sua namorada, pois não havia tratado desse assunto com ninguém e nunca contou a ela o problema de sua vida.

— Ah, Yara! Acredito que todos os homens sonham ou algum dia sonharão em ter um filho, educar e dar amor, saber como vai ser o sentimento de ser chamado de “pai”.

— Imagina, Dani, nossos dois filhos correndo pela casa, falando palavras irreconhecíveis, chamando-nos de “papai” e “mamãe”, acompanhando todas as “primeiras vezes” deles. Emociono-me só de falar, sonho muito com isso.

— Realmente, amor, mas podemos deixar esse assunto para daqui uns cinco anos?

— Claro!

Daniel ficou em silêncio por uns instantes, pensativo, não sabia se aquele era o momento de contar ou não para Yara o seu problema.

Com dois anos e meio de namoro, eles noivaram. Sete meses de noivado, foi o tempo necessário para organizar a festa e a cerimônia. Casaram-se à beira de um lago, ao pôr do sol. O casamento tinha tudo como mandava o figurino: tapete vermelho, damas e pajens, padrinhos de casamento e, claro, os noivos, com sorrisos bem largos. Um sonho maravilhoso, enfim, realizado e o amor dos dois e a emoção os envolviam cada vez mais.

O casal estava morando em um bairro pequeno, mas bem movimentado, próximo aos pais de Yara. Era uma felicidade tremenda. Planejavam inúmeras viagens, sentavam no sofá todas as noites e ficavam analisando como seria se mudassem alguma coisa na casa, pequenas reformas para ficar mais aconchegante e do jeito que sonhavam. Conquistaram um carro, uma casa, um terreno, emprego fixo, uma condição financeira boa e, principalmente, a felicidade.

Após quatro anos casados, ela voltou ao assunto de ter filhos, pois achava que já era hora de aumentar a família.

— Amor, já está na hora de aumentarmos um pouco nossa família?  
Daniel não espera ouvir aquele assunto tão de repente, ainda não havia contado nada à sua esposa, e logo empalideceu.

— Y...Yara, meu amor, será que não temos muito que viver a sós? Somos bem jovens e temos vários planos a dar início.

— Daniel, em nossos planejamentos, cabe mais uma pessoa e vai ser nosso filho, não vai ser ninguém estranho!

— Mas é uma criança, amor! Teremos que redobrar os cuidados.

— Eu já tenho 26 anos, se depender de você, vamos ter filhos com que idade? Oitenta, talvez?

Daniel se sentiu sufocado. Queria muito realizar o sonho da mulher, que não deixava de ser dele também. Contudo, não queria magoá-la, não por agora, mas já não podia mais esconder dela. Então, resolveu falar:

— Yara, tenho que te contar algo, que, para mim, é um pouco difícil!  
Ela observou Daniel, um pouco assustada, mas atenta

— Com 16 anos, fiz uma bateria de exames, pois minha mãe gostava de deixar tudo sob controle. O problema foi que, em um desses exames, o diagnóstico apontou que sou estéril!

Daniel abaixou a cabeça, sem querer ver a expressão da sua esposa. Ela continuou a observá-lo, paralisada, sem acreditar no que estava ouvindo. Yara logo voltou à realidade e começou a falar mais alto:

— Por que você nunca me falou nada? Está tirando com minha cara, só pode, não é? Daniel, somos casados há seis anos e, mesmo com toda confiança que te passei, você teve coragem de me esconder isso?

— Pensei muitas vezes em te contar, Yara, mas eu fiquei com medo de como você reagiria, pois esse é seu sonho! Seu sonho é ser mãe, e eu estaria estragando todo esse planejamento. Eu confio muito em você, porém o erro não foi seu, foi meu! Eu assumo, não tive caráter suficiente de contar a verdade. Perdoa-me, amor!

— Não me chame de amor! Eu até te entenderia, tu sabes que estou ao teu lado para o que der e vier, esse foi uns dos motivos pelo qual me casei contigo! Todavia, tu não acreditaste suficientemente em mim. Ainda não acredito!

— Agora temos a opção de adotar um filho!

— Você acha que vou querer criar filhos de outros? Ou, simplesmente, trazer-me um cachorro para substituir essa falta?

— Mas...

— Não quero saber, Daniel!

Yara saiu furiosa de casa, ainda não acreditava no que acabara de ouvir. Então, entrou no carro, às pressas, deixando para trás apenas poeira. Ela tinha que sair para pensar sobre toda aquela história.

Daniel estava muito abalado, não sabia mais nem o que pensar. Ficou preocupado com o jeito que sua esposa saiu com o carro. Pensava no seu casamento, angustiado com a vida dos dois, preocupado em como seria quando ela voltasse, se voltasse. Ele estava chorando muito, resolveu ir até um bar, onde começou a pedir muitas doses de bebidas. Tomava sem parar, só sabia pensar no que aconteceria e beber para não lembrar, por uns instantes, o que realmente aconteceu.

Em poucos minutos, ficou embriagado, estava zozó e cambaleando. Então, resolveu ir para casa. Contudo, a trajetória até sua casa estava um pouco distorcida por conta da embriaguez. Daniel já estava no meio da estrada. Foi quando que, por um descuido, um carro, descontrolado e em alta velocidade, acabou atropelando-o, jogando-o para aproximadamente uns cinquenta metros longe do local do acidente. O motorista saiu “arranhando” asfalto, fugindo sem prestar socorro.

Daniel estava ali, jogado no chão, com sangue molhando todo seu corpo, desacordado. Os moradores, ao ouvirem o intenso barulho,

correram para ver o que era. Em seguida, ligaram para a ambulância. Seu estado era muito grave, foi dada a entrada no hospital, em estado de coma, havia perdido muito sangue e quebrado a perna.

Yara logo recebeu a notícia de uma vizinha que morava em frente à sua casa. Ficou desesperada, não sabia mais o que fazer. Seu chão havia caído, passou a chorar desesperadamente. Começou a se culpar por aquele acontecimento, foi errada ao agir sem pensar, estava com raiva naquele momento. Depois da notícia, a raiva passou a ser sua preocupação no momento.

Correu para o hospital em que estava seu amor, chegando lá a única notícia que lhe foi dada era que Daniel estava em estado grave. Ela aguardou sentada junto a várias outras famílias.

Esperou durante 12 horas, sem conseguir dormir, nem sequer engolir alguma coisa. Estava muito preocupada, carregava consigo o sentimento da culpa. Prontamente, o médico apareceu e disse que Daniel poderia receber apenas uma visita, pois ainda permanecia inconsciente.

Yara, chorando, entrou no quarto, sentou-se ao lado dele e desabou em lágrimas ao vê-lo naquela situação. Ela rezava e pedia a Deus que ajudasse seu marido, ela o amava muito e que, apesar dele ter escondido um assunto muito importante, ela permaneceria ao lado do marido.

Ao saber que ele poderia morrer, Yara fez uma promessa. No dia seguinte ao acidente, foi a um orfanato e pôs os nomes deles na lista para adoção. Ela venceu o preconceito. Sabia que estaria ajudando seu esposo a vencer também e, a partir daquele ato, era só esperar o destino.

Daniel permaneceu cinco dias em coma e três dias em observação, até que chegou a hora em que ele estava pronto para ir para casa. Ao saber que Yara permaneceu o tempo todo ao seu lado, entendeu o quanto ela o amava. Ela pediu perdão por tudo que havia dito. Pronunciou várias

vezes que o amava e que, se o perdesse, uma parte dela iria embora. Voltaram para casa juntos, tentando levar sua vida normalmente, sem tocar no assunto da infertilidade do esposo.

Seis meses depois, Yara recebeu uma ligação do orfanato. Uma menina de cabelos escuros, pele clara e olhos azuis os esperavam, era o início de um amor incondicional.

— Dani, tenho uma surpresa para você!

— Amo surpresas, fala logo...

— Então... Quando você estava inconsciente, fui a um orfanato e coloquei nossos nomes na lista para adoção. Hoje cedo, ligaram-me para irmos até lá buscar nosso novo amor.

Daniel estava visivelmente emocionado, seus olhos transbordaram, eram lágrimas de alegria, ao mesmo tempo sabia o quanto sua esposa se esforçou para lhe ver feliz, por mais que gostaria de ser mãe e sentir seu filho em seu ventre. Eles teriam mais um motivo de vitória em sua vida.

Chegou o dia de levar Vitória para casa (nome dado por ser mais uma conquista). O quarto já estava pronto, tudo preparado para receber tamanha felicidade. O casal estava radiante de tanta emoção. A nova rotina logo entraria em suas vidas, e novos planos foram elaborados.

Hoje, os três estão felizes! Suas vidas melhoraram muito e eles permanecem felizes. Aprenderam a não julgar algo desconhecido e que o amor vence tudo, até mesmo o preconceito.

**FERNANDA VITALI**

Aluna do 3º ano do Colégio Unesc

**[Voltar ao sumário]**





## Perdoar é o remédio, não a cura!

**A** noiteceu em Amsterdã, as janelas se fechavam, as luzes se apagavam e as pessoas voltavam para os seus lares, depois de mais um dia exaustivo de trabalho. Voltavam para suas famílias, os pais encontravam seus filhos, os apaixonados encontravam seus amores e, lá, encerrava-se mais um dia. Alice voltou sozinha para casa, como de costume, às vinte e uma horas, daquela quinta-feira.

Morava com seu gato Jax. Na calada da noite, ela percebia o quanto era solitária. Não tinha ninguém lhe esperando para ouvir como havia sido o seu dia, nem para partilhar as alegrias, as tristezas, as angústias da vida, o medo do futuro e o medo de que as coisas nunca mudassem. Sentou em frente à janela, pensou, chorou. Apagou.

Acordou no outro dia sentindo o bem-estar do outono holandês. Levantou, vibrou, cantarolou e se atrasou. Chegou ao trabalho com vinte minutos de atraso. Ouviu sermão.

— Isso são horas, Alice? — perguntou seu chefe impaciente.

— Perdoe-me, André, tive um contratempo e prometo que isso não se repetirá — respondeu a jovem correndo para sua mesa.

Ela era querida por todos no escritório, apesar de que, muitas vezes, preferia ficar olhando para a tela do computador, com seus fones de

ouvido, a ir tomar café com seus colegas. Era calma, sempre estava de bom humor, mesmo trazendo consigo um turbilhão de dúvidas e questionamentos sobre a vida.

No final da tarde, dispensou ir de ônibus, a fim de aproveitar a brisa que estava na rua. Seu telefone tocou, era Matheus. Seu coração gelou. Ela suspirou e, então, atendeu a ligação.

— Olá! — disse ela, surpresa pela ligação.

— Oi, Ali, você pode jantar hoje? — perguntou o rapaz.

— Jantar? Claro que posso! Como assim? Você já voltou de viagem? Estou morrendo de saudades!

— Voltei faz uma semana e também estou morrendo de saudades, garotinha. Passo na sua casa às dez horas, beijos! — disse Matheus tranquilo.

Correu para casa. Arrumou-se, perfumou-se e entregou-se ao encanto do convite. Olhava para o relógio de cinco em cinco minutos, esperando que o tempo passasse mais depressa. Alice conheceu Matheus nos tempos da faculdade, construíram uma bela amizade, mas acabaram sendo separados há um ano, pois ele foi fazer um intercâmbio.

Ouviu o barulho da campainha e foi correndo atender. Ao abrir a porta, Alice não se conteve e pulou nos braços do rapaz. Estava emocionada em reencontrá-lo.

— Quanto tempo e que falta você me fez! — disse ela entrelaçada nos braços do amigo.

— Garotinha, você não tem noção do quanto sua comida é boa, comparada a comida na Turquia — disse ele rindo e acariciando-a.

Foram para o elevador, chegaram ao *hall*. Pegaram um táxi até o restaurante. Matheus havia reservado uma mesa ao ar livre, com vista para o lago, o lugar favorito de Alice.

Conversaram sobre a vida, o futuro, o passado e, até mesmo, sobre tomate. Alice gargalhou até que chorou. Afogou-se. Olhou para a boca de Matheus. Teve vontade de beijá-lo, mas recuou. Arrependeu-se. Voltou e beijou.

Foram para casa. Saíram durante a semana toda. O mês todo. Apaixonaram-se. Alice dividiu com o rapaz seus sonhos, suas loucuras e fez planos com ele. Fizeram amor. Passaram-se dois, três, quatro meses... Quando viram já estavam há oito meses juntos. Matheus mudou. Ficou sem tempo para conversar e ligar. Alice chorou. Perdoou. Compreendeu.

Tiveram a primeira discussão. Fizeram as pazes, foram tomar sorvete. Alice sujou o nariz com baunilha, foi chamada de criança. Discutiram.

Não sentiam mais necessidade de ficarem juntos. Matheus pediu um tempo. Alice chorou, descabelou-se, implorou. Matheus ficou. Fizeram amor.

Na manhã que completariam dez meses juntos, Alice acordou enjoada, passou horas vomitando todo o seu jantar. Comprou o teste de gravidez.

Esperou Matheus chegar para verem juntos o resultado. Deu negativo. Respiraram aliviados. Foram ver televisão, ela queria ver *If I Stay*; ele, *Game of Thrones*. Brigaram. Alice reclamou das meias, da toalha em cima da cama, da louça e do banheiro sujo. Matheus se calou. Ela chorou e pediu a ele que dormisse no sofá.

No outro dia, Alice acordou e Matheus estava olhando-a. Perdoou. Beijou. Fizeram amor. Foram ao *shopping* de mãos dadas. Fizeram compras. Ela foi trabalhar. Ele foi encontrar Joana. Alice descobriu. Surtou, brigou, chorou e disse que não aguentava mais. Matheus disse que não aconteceria de novo. Ela perdoou.

Matheus encontrou Joana em todas as semanas seguintes. Alice não descobriu. Ele foi para casa, deitaram e viram filme juntos, ela dormiu no

seu peito. Passaram-se dois meses, Alice fez outro teste de gravidez. Deu positivo. Convidou Matheus para um almoço, ia contar a ele. Antes de sair, pegou o celular dele para fazer a reserva e viu mensagens de Joana. Chorou. Cancelou. Foi até o banheiro e pensou em tudo que havia passado nos últimos meses. Lembrou-se dos momentos felizes, das noites vazias que foram preenchidas com tanto carinho por Matheus. Lembrou-se dos momentos tristes. Chorou ainda mais por tudo que viveram, compartilharam, porém não foi o suficiente para manter a história de amor deles. Quando as lágrimas não aliviaram mais a sua dor, suicidou-se.

**GABRIELE SCHUCK**

Aluna do 3º ano do Colégio Unesc

**[[Voltar ao sumário](#)]**



## Encontro de Alysonn e Giórgia

**E**m um final de tarde, Giórgia estava caminhando nas trilhas do Mampituba, quando passou um jovem muito bonito que chamou sua atenção. Na saída do vestiário, trocaram olhares e sorrisos. O momento foi bom para conhecer Alysonn.

Depois desse belo dia, Giórgia e Alysonn começaram a namorar, com momentos muitos felizes e divertidos.

Após um ano de namoro, em uma viagem, eles noivaram, marcando o casamento para fevereiro, o que deixou as famílias muito contentes.

Os noivos começaram a preparar a festa, igreja, clube e equipe de organização para a festa.

O dia chegou para realizar o sonho dos noivos, uma festa bonita: com tapete vermelho, flores, luzes e a noiva de vestido branco e coroa de brilhantes.

Com o término da festa, Giórgia e Alysonn foram pegar o avião para a viagem de lua de mel em uma pousada com ambientes lindos, como era o sonho do casal.

O casal voltou muito feliz e foram morar em uma linda casa.

**GIÓRGIA SILVA DOS SANTOS**

Aluna do 3º ano do Colégio Unesc

**[Voltar ao sumário]**



## A garota das redes sociais

**G**uilherme desceu do ônibus, como todos os dias, na mesma parada, mas, naquele dia, algo estava diferente. Havia uma menina, chamada Izabela, que lhe chamou a atenção. Quando ele passou ao lado dela, trocaram olhares. Ela morava uma quadra da casa dele. Um dia ele a achou nas redes sociais. Ficou olhando as fotos dela e a achou muito linda. Viu que ela estava *on-line*, e logo a chamou para conversar, ficaram conversando meses e meses, a fim de se conhecerem. Viam-se às vezes, pelas estradas e no ônibus. Contudo, não se olhavam cara a cara, pois os dois tinham muita vergonha. O primo dela era amigo de Guilherme e resolveu ajudá-los. Combinaram um encontro, Guilherme e o primo dela iriam à escola, no dia da entrega dos boletins, juntos.

Marcaram o encontro às oito horas, e Guilherme estava muito ansioso.

— Oi! Tudo bem? — perguntou a menina, envergonhada.

— Oi! Tudo bom? E, você? — disse ele, nervoso, e começou a suar frio.

— Eu estou ansiosa por meu boletim.

— Fiquei contente por você aceitar que eu viesse até aqui com você.

Sinto-me bem ao seu lado — em uma investida, ele a abraçou.

— Hummm! Que cheirosa que você está! — falou em seu ouvido.

— Você também está bem cheiroso!

— Vou à sala pegar o meu boletim, espere aqui que já volto! — ela estava nervosa. Voltou com um sorriso lindo.

— Uhu! Eu passei de ano!

— Que bom, agora basta curtir as férias.

— Você vai passar o verão onde? — perguntou a ela.

— Vou para o Rincão, e você?

— Sério? Eu também vou para lá.

— Que bom! Então, poderemos nos ver por lá — falou com ar de interesse por ela.

— Com certeza! Onde fica a sua casa, na Zona Sul ou Norte? — ela perguntou.

— No final da Zona Sul, e você?

— A minha casa fica no começo da Zona Norte — ela olhou, baixou a cabeça e ficou um pouco triste.

— É muito longe para nos vermos — disse ela, com a voz trêmula.

— Não tem problema, vamos dar um jeito para nos encontrarmos.

Ela ficou um pouco contente. O telefone tocou, era seu pai chamando-a para sair. Guilherme a levou até a frente da sua casa. Ele deu um beijo em seu rosto. Ela ficou um pouco vermelha. Permaneceram conversando pelas redes sociais. Eles estavam realmente apaixonados. Viam-se somente quando ela ia ao mercado, pois ele ia também, a fim de vê-la.

Quando chegou o verão, ela ligou para ele:

— Oi, amor!

— Oi, aconteceu alguma coisa?

— Sim, o meu tio está muito mal, ele está no hospital.

— Sério? O que ele tem? — perguntou preocupado.

— Sério, amor, ele está com câncer na garganta.

— Que ruim, amor!

— A pior parte é que ele mora em Florianópolis, estou indo agora para lá com meu pai e eu estou sem créditos. Então... Vamos ficar sem conversar por um tempo. Não se esqueça de mim! Beijos! Cuide-se, meu amor. Amo você muito!

— Está bom, amor! Beijo e se cuide também. Amo você também!

Guilherme foi para a praia. Todo o dia verificava se ela estava *on-line*, a fim de conversarem, mas ela não estava. Ele, com saudade, sofria muito. Passou uma semana, duas semanas e nada dela conectar-se às redes sociais. Até que um dia, ela o chamou.

— Oi, amor! Desculpe-me por ter ficado esse tempo todo *off-line*. Estava sem *internet*. Hoje que cheguei em casa.

Depois de dois dias, ele viu a mensagem dela e respondeu: “*Oi, esse tempo todo? Pensei que você tinha se esquecido de mim. Eu já estou em outra, tchau*”.

Guilherme já estava com outra menina, conhecida na escola por ter ficado com todos os amigos dele.

Passaram-se dois anos, ele estava descendo do ônibus, com a cabeça baixa, quando escutou uma voz que lhe causou um frio na barriga. Em seguida, olhou e percebeu que era a garota das redes sociais, aquela que ele amava muito! Izabela estava com uma criança recém-nascida no colo, logo ele pensou: “*Será que é filho dela?*”. Ele foi em sua direção.

— Oi! Quanto tempo que nós não nos vemos!

— Oi! Verdade. Agora estou cheia de problemas para resolver — a criança começou a chorar em seu colo.

— Já estou indo! Outra hora nós conversamos.

— Está bom. Beijos! Cuide-se!

Guilherme foi embora pensando: “*Será que aquela criança era filho dela!*”. Como ela está linda, como ele a amava! Ele ficou duas semanas pensando nela. Entrou nas redes sociais, a fim de ver se tinha alguma



foto da criança, não havia nenhuma foto. Izabela não saía de sua cabeça.

Em um impulso, resolveu ligar:

— Alô?

— Oi, aqui é o Guilherme.

— Oi, amoo... Guilherme. Pensei que você não tinha mais o meu número.

— Eu não tinha como me esquecer de você.

— É que... Faz tanto tempo que nós não conversamos, pensei que tinha se esquecido de mim.

— Não esqueci, pelo contrário, você não sai da minha cabeça. Queria conversar contigo pessoalmente, vamos marcar um lugar e um dia?

— Vamos, pode ser agora? Estou desocupada!

— Pode ser, vamos nos encontrar onde?

— Você pode vir aqui na frente de casa.

— Está bom, daqui a pouco estou aí.

— Ok! Estou te esperando, ammm... — com voz trêmula e bem baixinho, ela se despediu.

Guilherme saiu correndo para o encontro. Estava louco de saudade. Chegando lá, ela estava sentada à sua espera. Ele a abordou e já foi logo a abraçando.

— Desculpe-me por aquele dia. É que ficamos dois meses sem conversar. Pensei que você já estava com outro - disse quase chorando.

— Eu sei que eu fiz errado! Eu não consegui me comunicar. Desculpe-me! Eu gosto muito de você. As tardes que passávamos juntos eram maravilhosas, não queria que aqueles dias terminassem jamais!

— É claro que desculpo você! Também gosto muito de você!

Os dois se beijaram como nunca haviam feito, pois o amor estava ainda maior. Conversaram sobre tudo, esclareceram todos os mal-entendidos. Ele a avisou que ficara com outra menina apenas uma vez e disse coisas ruins por ciúmes. Contudo, uma coisa ainda martelava em sua cabeça:

— Quem era aquela criança em seu colo?

— Ah! É meu sobrinho... Lindo, não é! — os dois riam muito...

Após essa conversa, Guilherme e Izabela começaram a namorar. Momentos difíceis passaram, os ciúmes que tinham um do outro eram de causar brigas, mas, apesar de tudo, permanecem juntos. Comemoram cada dia. Eles acreditam que permanecerão juntos, seja qual for a barreira, na verdade isso só o tempo dirá. Como diz aquela frase famosa: "que seja eterno enquanto dure!".

**GUILHERME FRANCISCO ROCHA DE CARVALHO**

Aluno do 3º ano do Colégio Unesc

**[Voltar ao sumário]**

## A casa da montanha

**E**stava nevando, Sam encontrava-se em casa, arrumando a mala para viajar com seus amigos Mike, Ash, Josh e Chris. O grupo passaria as férias de inverno na cabana de Ashley, nas montanhas. Sam era uma garota comum, de cabelos loiros e pele branca, tímida, porém segura de si. A garota terminava de arrumar suas coisas quando o telefone tocou:

- Alô? Sam você está aí? — falou Mike, com a voz retraída.
- Oi, quem é? — disse Sam.
- Seu amigo Michael, você não se lembra de mim?
- Ah, Mike! Claro que eu lembro, aconteceu algo?
- Só liguei para avisar que nós estamos chegando, você está pronta?
- Sim, já estou descendo e espero vocês na entrada de casa.
- Ok, não esqueça seu casaco, está congelando lá fora!
- OK, beijos!

Sam dirigiu-se à porta, não demorou muito para que seus amigos chegassem. Ela cumprimentou todos, entrou no carro de Josh e, depois, prosseguiram em direção às montanhas. Os cinco amigos não viam a hora de chegar à cabana e acender uma lareira, já que fazia muito frio naquela região e o aquecedor do carro de Josh estava quebrado:

- Poxa, Josh, quando é que você vai consertar esse maldito aquecedor? — indagou Chris, rangendo os dentes.

— Ah, cara, você está com frio? — perguntou Josh.

— Muito!

— Então, por que você não abraça a Sam como nos velhos tempos?

— Josh! — disse Ashley, exaltada — Você sabe que não deve tocar nesse assunto!

Sam e Chris haviam tido um lance no passado, porém não deu certo.

— Foi mal, esqueci que o Chris é sentimental demais para brincadeiras — disse Josh, enquanto pegava o dinheiro para pagar o pedágio na estrada.

Após pagar a taxa, o rapaz continuou dirigindo, agora com velocidade reduzida, pois a estrada estava coberta de gelo.

— Vá devagar, Josh! — disse Sam, assustada.

— A pista está escorregadia e você não quer nos matar, certo? — complementou Mike.

— Fiquem tranquilos! A hora de vocês ainda não chegou — respondeu Josh, com um sorriso irônico.

No anoitecer, chegaram ao pé da montanha. Tiveram que estacionar e subir de teleférico, pois, com a estrada naquelas condições, era praticamente impossível ir de carro:

— Nossa, Ash! Essa velharia ainda funciona? — indagou Chris, referindo-se ao teleférico.

— Espero que sim, é o único jeito de chegarmos à cabana e, se isso estragar, estamos ferrados! — respondeu Ashley, preocupada.

Os amigos embarcaram no teleférico, Sam encostada na janela e os outros sentados no banco. Eles já estavam quase chegando quando Sam avistou algo estranho dentro da cabana:

— Gente, venham aqui ver, rápido!

Os amigos levantaram do banco e foram em direção à janela.

— O que houve, Sam? — perguntou Mike.

— Eu vi um vulto através da janela, acho que tem alguém na casa — Sam respondeu em choque.

— Não deve ser nada, amiga! Vai ver foi só uma sombra — reconfortou Ashley.

Os cinco, enfim, chegaram. Pegaram suas malas e foram direto para a cabana:

— Abre logo essa porta, Ash! Essa nevasca está congelando! — disse Mike com a voz trêmula.

— Ok, ok, já vou abrir! — falou Ashley enquanto procurava suas chaves no bolso do casaco.

— Achei, aqui estão!

Ela abriu a porta e todos entraram, Mike caminhou em direção à lareira para acendê-la. Sam foi tomar um banho quente de banheira e Josh procurou um quarto para se trocar. Ashley e Chris foram ao porão armar o disjuntor para que pudesse haver luz na cabana, não houve necessidade de ligar o aquecedor, pois, na cabana, o aquecimento era a gás e permanecia o tempo todo ligado. Os dois estavam descendo as escadas para o porão quando Chris perguntou:

— Ashley, você tem certeza que é seguro estar aqui embaixo, a essa hora da noite?

— Acalme-se, Chris, ainda são nove horas! - respondeu Ashley, rindo da situação.

— Mesmo assim! Fiquei meio inquieto depois que a Sam disse ter visto um vulto aqui. E está escuro!

— Não seja por isso — disse Ashley, enquanto ligava o interruptor geral — Agora há luz na casa!

— Ufa, estou mais tranquilo, mas não pense que eu estava com medo, eu só estava... — explicava-se Chris quando tropeçou em um baú antigo.

— Droga, por pouco não caí sobre essa coisa velha!

— Ei, não fala assim, este baú tem muitas coisas de grande valor sentimental — falou Ashley, enfurecida.

A garota abriu a caixa e mostrou os itens para Chris.

— Ash, o que é isso? — perguntou Chris, segurando um tabuleiro.

— É um tabuleiro *ouija*, ele serve de portal para o mundo dos espíritos, algo assim.

— Tive uma ideia, vamos jogá-lo!

Ashley e Chris subiram as escadas e voltaram à sala, onde se encontrava Sam, Josh e Mike. Todos se reuniram no sofá e Chris mostrou seu achado. Os amigos se sentiram interessados em usá-lo.

Os cinco então levaram o objeto para a mesa de jantar, posicionaram-se ao entorno e começaram a jogar.

No meio da brincadeira, Josh se sentiu mal e optou por deixar a partida, agora restavam apenas Chris, Sam, Ashley e Mike jogando. Estava quieto, apenas as vozes dos jogadores ecoavam no ar, quando um barulho ensurdecedor surgiu do porão, os amigos, assustados, levantaram-se da mesa.

— Pessoal, o que foi isso? — perguntou Mike.

— Será que liberamos algum espírito jogando aquele tabuleiro? — indagou Sam, engolindo em seco.

— Deve ter sido só alguma coisa que caiu lá embaixo, Sam! Fica tranquila! — reconfortou Chris.

— Ashley, vá chamar o Josh! — exigiu Mike.

Ashley sobiu as escadas correndo, a fim de encontrá-lo, porém, sem sucesso, ele havia sumido!

— O Josh não está lá em cima, eu estou ficando, realmente, preocupada agora!

— Quer saber, vamos todos descer e ver o que está acontecendo lá no porão — falou Chris.

O grupo caminhou em direção ao porão, abriram a porta e acenderam a luz. Estava muito silencioso, só era possível ouvir a respiração ofegante deles e o ranger dos degraus da escada velha:

— Tem alguém aí? — perguntou Ash.

Um homem vestido de preto, usando uma máscara de palhaço, surgiu por detrás de uma viga e foi em direção aos amigos segurando um machado. Todos, aterrorizados, começaram a gritar e tentaram subir as escadas, sem sucesso. Cada passo dado pelo homem, o medo ficava maior e os gritos mais intensos, até que ele ergueu o machado e ...

— Espera aí, eu reconheço esses sapatos vermelhos em qualquer lugar — disse Sam, com a voz exaltada.

— Josh, é você seu canalha!

— Peguei vocês! — falou Josh, tirando a máscara de palhaço.

Os amigos ficaram revoltados com a brincadeira e decidiram que era melhor ir embora, rejeitando qualquer possibilidade de desculpas de Josh. Já arrumaram as malas e estavam levando as bagagens para o teleférico quando um livro caiu da estante na sala, aparentemente um diário antigo. O grupo decidiu abri-lo e o que lá continha era no mínimo perturbador, uma frase que dizia: “Ele mexeu com o tabuleiro e agora está morto”, escrita repetidamente em todas as páginas. Com essa informação, chegaram à conclusão de que a sombra que viram pela janela do bondinho era, realmente, de um espírito perturbado. Transtornados, deixaram a cabana sem olhar para trás. Seria esse o fim da história dos cinco amigos? Ou apenas o seu começo?

**HIÖRRAN SEBASTIAN TAUFEMBACH**

Aluno do 3º ano do Colégio Unesc

**[Voltar ao sumário]**



## Um ataque sem consciência

**N**o interior da cidade de Stepford, no oeste dos EUA, estavam sendo relatado atos de canibalismo perto de uma grande indústria farmacêutica. Uma equipe de operações especiais foi enviada para investigar o caso e não havia mais feito contato com a base. A equipe Alfa, equipe de elite desses agentes de operações especiais, foi designada a ir até o local para descobrir o paradeiro dos desaparecimentos. A equipe Alfa era composta pelo capitão Scott Ronson, a tenente Josie, o soldado Jack e o cabo Willians.

Após chegarem à cidade, os membros da equipe Alfa foram exilados e só poderiam estabelecer contato com a base quando obtivessem informações sobre os paradeiros de seus colegas. Eles começaram a procurar pistas sobre o que poderia ter acontecido no local. A equipe decidiu ir direto à indústria onde os relatos de incidentes com canibais estavam ocorrendo.

Um pouco antes de chegarem à indústria, à noite, já fazia muito frio, a equipe decidiu pedir refúgio em uma mansão. Após se aproximarem notaram uma movimentação estranha, ou melhor, quase nula, já que não tinham avistado nenhum habitante nas horas que passaram na cidade.



Interfonaram e notaram que não havia ninguém para atendê-los, perceberam que a porta estava aberta e resolveram entrar do mesmo jeito.

A mansão era estranha e gigantesca e, antes de eles se certificarem que era seguro passar a noite ali, decidiram se separar e olhar o que a mansão tinha a oferecer. Josie e Jack ficaram com o andar de baixo, já o capitão e Willians foram para o segundo piso. Josie estava aflita, pois sabia que havia algo errado, porém não sabia exatamente o que. Jack só queria fazer seu trabalho e dar um fora dali, pois estava prestes a se casar.

— Jack dê uma olhada nisso — disse Josie, desconfiada.

Jack avistou uma poça de sangue e umas pegadas que pareciam não ter um rumo concreto. Então, os dois decidiram ver aonde as pegadas poderiam levá-los. Chegaram a uma sala e encontraram um homem no chão, o corpo já entrava em decomposição, a princípio parecia um policial local. Jack aproximou-se para examiná-lo, ao chegar perto o homem o atacou, tentando mordê-lo. Josie assustada chutou o corpo já em decomposição e atirou duas vezes contra ele, porém, após ser baleado, o corpo continuou a atacar. Parece que o bicho que estava no chão tinha uma fome insaciável e nada podia pará-lo, a não ser o fato de conseguir comer algo. Josie tentou baleiar mais uma vez, acertou na cabeça e o corpo, finalmente, caiu, sem tipo de vida alguma.

Logo após o fato, Josie tentou comunicar-se com o capitão e Willians, por meio do rádio transmissor.

— Capitão, acabamos de ser atacados por um corpo estranho — disse Josie.

Jack ficou a vigiar a porta, a fim de saber se havia mais alguém a se aproximar ou mais algum daquele bicho, que parecia um morto-vivo. O capitão respondeu:

— Josie, você está bem? Câmbio!

— Sim, capitão, só um pouco assustada! Temos que nos encontrar na sala de estar. Não acho que estaremos seguros separados, Ok.

— Em cinco minutos, Willians e eu estaremos lá.

Josie e Jack decidiram ir para a sala de estar e encontrar o capitão e Willians, assim eles realizariam uma reunião e estabeleceriam um contato com a base, a fim de informar a situação.

Após o contato, resolvem alojar-se na sala. Contudo, um ataque de meia dúzia de mortos-vivos os pegou de surpresa. A equipe decidiu fugir para outro cômodo, a fim de poder economizar munição, mas foram surpreendidos por um novo ataque e decidiram fugir pela janela. Jack não tinha o mesmo sucesso do resto da equipe e acabou tropeçando metros antes de chegar à janela. Os zumbis acabaram devorando-o.

Josie conteve suas lágrimas e continuou a correr, até que achou uma cabana. Logo pela manhã, chegaram os reforços, com fortes armamentos. O grupo definiu voltar até a mansão, deparou-se com Jack, todo deformado após o ataque, transformado em um zumbi, tentando comer seus amigos. Os agentes não tiveram coragem de atirar em Jack, porém ele foi se aproximando. O capitão tomou a frente da equipe e resolveu por uma bala na cabeça de Jack, assassinando de vez seu ex-companheiro.

Os agentes eliminaram todos os zumbis na mansão e uma equipe ficou responsável de verificar o que estava havendo na indústria. Ao chegarem ao local, não acharam nenhum zumbi, porém uma bala veio em direção aos agentes. Após duas horas de combate eles conseguiram conter o fogo e decidiram invadir a indústria. Descobriram que o prefeito local era quem estava por trás de tudo isso. Ele era o dono da mansão e os zumbis que estavam lá era resultado de uma pesquisa mal desenvolvida.

O prefeito, juntamente com alguns químicos da cidade, estava atrás da cura do câncer, doença que acometeu a filha do político. Todavia, o

resultado que a pesquisa trouxe foi trágico, pois, por ter um grande poder aquisitivo, o prefeito decidiu testar o remédio em mendigos e presidiários da cidade. Contudo, essa medicação matava as células do câncer, mas também todas as outras e o indivíduo tinha uma fome infinita, a única coisa capaz de pará-lo era um golpe fatal no cérebro, fazendo que o corpo perdesse de vez todos os sentidos e, assim, os zumbis poderiam ser mortos.

O prefeito e todos os químicos da cidade foram presos, e a cidade foi evacuada até haver a certeza de que não existia mais alguma criatura que pudesse causar risco a alguém.

**JOÃO VITOR SOARES**

Aluno do 3º ano do Colégio Unesc

**[[Voltar ao sumário](#)]**

## Um amor de viagem

**V**ictória saiu pensativa de sua casa, ela ia em direção ao jardim. Enquanto andava, pensava no que iria dizer a sua amada, triste pelo o que teria que falar, não sabendo como reagiria.

Chegando lá, viu Betina, sentada e sorridente, imaginando que tudo daria certo. Quando chegou perto do banco, a garota levantou e foi em direção à Victória e a beijou. Logo em seguida, convidou-a para sentar.

— Be, precisamos conversar!

— Claro, mas sobre o que você quer falar?

— Nosso relacionamento — ela disse séria.

— Amor, você já está querendo casar? Não acha que está muito cedo? — Betina disse e nem esperou respostas sobre o assunto — Se quiser isso agora, eu aceito, sem problema algum!

— Não é isso, Be. Antes de falar, eu gostaria de lembrar tudo o que nós passamos juntas, todas as críticas e momentos felizes — uma lágrima escorreu em seu rosto e ela começou a dizer.

“Dia 02 de abril de 2012, em uma segunda-feira ensolarada, foi o dia mais feliz de minha vida. A felicidade era tão grande que mal cabia no meu coração, primeiro dia em que finalmente conheci uma pessoa tão incrível, capaz de fazer eu me assumir para minha família e para a sociedade. Saímos pelas ruas de mãos dadas, declarando o nosso amor

ao mundo. Grande parte das pessoas que passavam ao nosso lado olhavam e cochichavam sobre nós. Não nos deixávamos afetar por isso, pois sabíamos que a alegria era maior que todo o tipo de preconceito. No começo foi tão difícil. Meus pais não se acostumaram com a ideia de uma garota namorar outra menina. Era algo tão errado! Todavia, vencemos tudo e chegamos aonde estamos hoje”.

Betina esperou Victória terminar de contar e começou a falar:

— Amor, lembra-se da nossa primeira foto? Foi exatamente nesse jardim, onde nós duas nos conhecemos. Eu fiquei tão emocionada que não parava de chorar, igual agora — ela inspirou — Foram mais de cinquenta fotos em menos de uma hora, cada careta e sorriso maravilhoso. Como eu poderia imaginar que um dia você seria a mulher da minha vida? Em seguida, veio o abraço calmo e o beijo doce. Ficamos sentadas o tempo todo, fazendo carinho uma na outra e mexendo nos cabelos. Como eu amo esse dia — ia começar a falar novamente, mas Victória a interrompeu.

— Amor, para, por favor! — ela soluçava — Eu vim aqui para terminar!

— Não, não, não! Não pode ser, mas por quê? O que eu fiz para você querer isso, amor? Diga-me que isso não é verdade — Betina não conseguia mais parar de chorar.

— Quando começamos a namorar, o seu maior sonho era ser aeromoça, mas você desistiu disso por mim, pelo nosso relacionamento. Eu não quero que você desista das coisas por mim, não quero que sua vida tome esse rumo. O que eu mais desejo é te ver feliz, fazendo o que ama, seguindo os seus sonhos!

— Eu te prometo que vou fazer um curso, prometo que vou tentar ser melhor. Por nós. Eu te juro que vou fazer de tudo, mas, por favor, fica comigo. Eu te imploro! — Ela abraçou Victória e chorou em seus braços.

— Be, desse jeito não dá mais! Você não pode fazer as coisas por nós, tem que fazer por você, eu já te disse isso várias vezes. Já tentamos, você já chorou, já prometeu e não cumpriu. Infelizmente, vai ser melhor assim.

— Amor, não...!

Victória levantou-se, pronta para se despedir. Então, Betina falou:

— Eu te peço um último beijo, só mais um — ela levantou e beijou Victória com a mesma intensidade da primeira vez, porém esta foi uma despedida.

— Eu te amo — disseram juntas e cada uma seguiu o seu caminho.

Após um ano, Victória viajou para Nova Iorque, passou na sala de embarque, deixou as bagagens e entrou no avião. Alguns minutos se passaram e o avião decolou, ela nem sentia mais o famoso “frio na barriga”, pois já estava acostumada a viajar.

Uma aeromoça passava em cada banco oferecendo comida aos passageiros, quando chegou ao lado da moça, logo percebeu quem era.

— O que a senhora deseja? — ela segurava as lágrimas, tentando se conter.

— Eu vou querer um prato vegetariano e uma água sem gás — disse de cabeça baixa.

A mulher deu as coisas para ela, Victória levantou a cabeça e viu quem era a aeromoça, um sorriso brotou em seu rosto.

— Você não sabe o quão feliz eu fico por te ver aqui, foi o que eu sempre sonhei.

Ela estava pronta para responder, mas foi chamada por outro passageiro.

— Eu te peço desculpas, nós deveríamos tentar novamente — Victória disse cheia de esperanças, mas Betina não a respondeu. Olhou

para a mesa e lá estava um bilhete escrito “*Eu te amo*”, embaixo havia um número conhecido. Ela ainda tinha esperanças de que tudo fosse voltar, esperanças de que o caminho do amor as unisse.

**JÚLIA CARVALHO**

Aluna do 3º ano do Colégio Unesc

**[[Voltar ao sumário](#)]**



## Hormônios podem ser perigosos

**B**ufeí, escorregando mais ainda na cadeira estofada. Sabem o quão é entediante, literalmente, duas horas escutando sobre estratégia de vendas? Eu já não tinha capacidade de pensar e nem força de vontade para prestar atenção no que Indra falava e indicava no cavalete com os dados da empresa.

— As vendas diminuíram consideravelmente este mês, é preciso que me deem soluções de como “dar a volta por cima”.

Senti algo vibrando no meu bolso traseiro e peguei meu celular disfarçadamente.

Indra estava concentrada apontando para o cavalete com gráficos coloridos, e alguns executivos bajuladores fingiam prestar atenção, franzindo o cenho e acenando positivamente com a cabeça.

Desbloqueei a tela do celular e vi a notificação do *Messenger*. Era Clarck, minha esposa.

*“Quando você volta? Quero você”.*

*“A reunião atrasou, desculpa, leãozinho, vou demorar”.*

*“Hum... Vai ficar chateada se eu começar sem você?”.*

*“Começar o quê?”.*



— Droga! — murmurei piscando os olhos freneticamente e segurando o ar.

— Algum problema, Alexandra? — Indra questionou-me.

Olhei estática para ela, que me contemplava com um misto de confusão e raiva.

— Ah! ... Não... eu só... Perdão! Lembrei-me de algo importante apenas — respondi gaguejando.

Ela deu um suspiro alto e voltou a olhar para o quadro. Remexi-me incomodada com o calor repentino em certas partes do meu corpo.

Olhei mais uma vez para as fotos que Clarck acabara de me enviar. Ela estava deitada na cama apenas com *lingerie* preta, uma que eu tinha dado de presente de aniversário para ela. As pernas brancas estavam sensualmente dobradas, porém o que mais me alegrava era a gravata preta presa frouxamente no pescoço, caída entre seus seios e o sorriso torto como se quisesse dizer algo.

Apenas analisei a mensagem, não fui capaz de digitar mais nada depois dessa bomba. Ela nunca havia feito nada assim antes, na verdade ela sempre brigava comigo quando eu tentava convencê-la a mandar coisas desse tipo, pois, segundo Clarck, essas tecnologias podem ser facilmente *hackeadas*.

Se discutimos isso? Claro, e muito. Afinal, estamos falando de Clarck Griffin-woods, mas como sou um charme de pessoa, ela sempre se rendia as minhas investidas. As reconciliações deviam concorrer a oitava maravilha do mundo.

Agora cá estou eu, completamente confusa com a atitude dela.

— Quero todas as ideias amanhã, em cima da minha mesa, não tolero atrasos!

Indra encerrou a reunião, tirando-me dos meus devaneios e olhando em minha direção, impaciente:

— Espero que tenha escutado, Sra. Woods — falou dando ênfase no meu nome.

— Não precisa se preocupar quanto a isso.  
de aniversário Dispensados.

Levantei rapidamente, passando pelos outros funcionários e fui embora.

Estacionei o carro na garagem e disparei feito um foguete para dentro de casa. Tudo estava calmo e silencioso, exceto pela enorme bola de pelo ambulante e barulhenta que me atropelou como um trator.

— Céus... Você ainda vai me matar, Mozzarella! — falei afagando a cabeça peluda.

Tirei o monstro peludo de cima de mim e me levantei. Somente a luz da cozinha acesa.

Peguei um copo de água e joguei minha bolsa no sofá. Suspirei passando pelo corredor, desabotoando minha camisa social branca. Abri a porta do quarto já esperando ser atacada pela minha pantera loira, mas fui fortemente ludibriada.

A cama estava perfeitamente arrumada. Como se ninguém estivesse deitada ali na última hora.

— Clarck?

Juro que procurei essa mulher por todos os cômodos da casa e cheguei à conclusão de que seu lindo corpo definitivamente não estava presente. Ela me fez ficar excitada no meio de uma reunião e, possivelmente, receber várias multas por excesso de velocidade para ela não estar em casa? Caminhei novamente para o quarto, bufando e resmungando. Eu juro que ia torcer aquele pescoço quando aparecesse.

— Ai, droga! — gritei, tropeçando nos meus pés e caindo no chão, batendo a cabeça na parede.

— Ai, meu Deus! Lexa, você está bem? — Clarck correu até onde eu estava jogada, afastando o cabelo dos meus olhos.

— Acabei de rachar meu crânio na parede é óbvio que não estou bem, Clarck! — exclamei impaciente.

— Desculpe-me só queria te fazer uma surpresa.

— Não... Eu que peço desculpa, estou sendo idiota por brigar com você — falei me levantando e apoiando as mãos na parede.

— Senta na cama, vou dar uma olhada na sua cabeça.

Sentei como ela havia mandado, tirei os sapatos apertados, fechei os olhos, enfiando a mão entre os meus cabelos e comecei a massagear o lugar afetado pela queda. Senti o colchão afundar atrás de mim, era Clarck que começou a me examinar. Essa era a vantagem de ser casada com uma médica, mas digamos que, depois de umas consultas interessantes nos últimos meses (se é que você me entende), talvez até tenha perdido o medo de ficar trancada com um deles, pois tinha pavor de médicos e hospitais.

— Onde você estava? Procurei você pela casa inteira.

— Eu estava no *closet* procurando uma coisa. Por que Indra demorou em terminar a reunião?

— Indra é neurótica, as vendas caíram um pouco e ela já faz um estardalhaço. Estou tão cansada, leãozinho. E você, aconteceu alguma coisa interessante hoje?

Senti seus braços se envolvendo ao redor de minha cintura, seu hálito quente na minha orelha fazia cócegas.

— Desculpa, amor! Prefiro brincar com você a conversar — ela foi levemente distribuindo beijo em meu pescoço até chegar ao meu ombro coberto pela camisa social branca.

— É sobre o que é essa brincadeira — resolvi entrar na provocação.

— Primeiro, temos que tirar essas roupas — Ela terminou de falando dando um beijo no meu pescoço.

Senti suas mãos quentes invadindo minha camisa e arranhando minha barriga levemente com as unhas.

— E, depois, você tem que me prometer que vai quietinha!

Nada saía de minha boca. Além do mais, essa situação já está ficando meio estranha. Ela não era desse jeito e, ultimamente, ela tem me atacado em lugares bem estranhos como no banheiro da lanchonete, no provador da loja de roupas. Mas quem sou eu para reclamar, não é mesmo? Para preservar coisas inusitadas e boas, temos que calar a boca e aproveitar.

Virei-me na intenção de sentir seus lábios, mas houve um pequeno empecilho nessa ação, ao invés de girar para direita onde tinha espaço suficiente para três pessoas, eu virei para esquerda, resultado: caí no chão. Estaria tudo bem se ela não estivesse agarrada em mim e eu não tivesse colocado o braço para me apoiar na queda, escutei um barulho como o de um graveto se quebrando. Quebrei o braço.

— Ai, meu Deus, Clarck! Acho que quebrei meu braço — gemi tentando não me contorcer no chão — Clarck eu não quero injeção, eu não quero ir ao hospital.

— Deixa de ser dramática, você só caiu! Anda, deixe-me dar uma olhada.

Tentei mexer o braço, mas óbvio que não consegui.

— Eu não vou ao hospital, Clarck.

— Eu não posso tratar disso em casa, Lexa — ela gritou comigo.

— Céus, que vergonha! Como eu vou explicar isso!

— Você não precisa explicar nada para ninguém, se você não me deixar lá com aqueles açougueiros.

Ela se levantou e foi ao *closet*.

— Vai me deixar aqui no chão!

Já arrumada, ajudou-me a colocar a roupa de novo.

— Isso vai doer, é melhor segurar o braço junto ao corpo — eu lhe obedeci prontamente.

...

A luz me incomodava um pouco, pisquei várias vezes tentando me acostumar com a iluminação. Ouvi duas pessoas conversando no canto da sala, reconheci a cabeleira loira.

— Clarck? — chamei-a roucamente.

— Oi, meu amor! Como você está? — ela falou, aproximando-se.

— Parece que eu comi aquele *brownie* da faculdade de novo. Eu quero ir embora, Clarck.

— Estás assim por causa do sedativo, vou te dar alguns remédios e logo estarás liberada.

— E acho que a Clarck tem que te contar algumas coisas — falou saindo e dando um olhar de cúmplice para ela.

Meu Deus, ela vai pedir o divórcio.

— Contar o quê, Clarck? — falei assim que ele saiu do quarto — Por favor, não me diz que quer o divórcio, juro que eu vou parar de falar tanto palavrão e que eu vou tirar a toalha de cima da cama, também vou parar de pedir foto sua e fechar o *box* quando estiver tomando banho.

Ela riu da minha cara, o que me deixou confusa. Aproximou-se e sentou na cama.

— Eu te amo e você sabe que eu não vou me livrar de ti tão fácil — ela segurou minha mão e começou a acariciá-la — Lembra-se daquela inseminação?

— Sim, não deu certo — falei tentando não demonstrar minha chateação.

— Você realmente não notou nada de diferente?

Bem, eu havia notado que ela tinha ganhado alguns quilos; entretanto, se eu falasse isso, ela arrancaria meus órgãos e os venderia no mercado negro.

— Você anda bem... Insaciável esses dias — falei escolhendo as palavras certas.

— Queria ter contado antes, mas essas mudanças hormonais estão literalmente nos matando e não consegui achar o momento certo para te falar.

Olhei para ela tentando entender aonde ela queria chegar com tudo aquilo. Ela me o olhou, com aquele sorriso que acaba com minha postura de durona.

— Então, lembra aquela inseminação? Pois é... Deu certo! Parabéns, mamãe!

**LOREN MENEGILDO DOS PASSOS**

Aluna do 3º ano do Colégio Unesc

**[[Voltar ao sumário](#)]**

# Desrealização

**A** minha rotina... Não! A minha vida era normal. Eu era normal. O mundo que eu via era real e normal. Agora, eu não sou mais capaz de distinguir se o que eu vejo é literal ou só uma ilusão. Aconteceu um dia, quando eu estava distraída, agora nem me lembro como, realmente, foi. Estava em uma galeria de arte, com os meus pais, muitas pessoas estavam reunidas lá. Vou contando enquanto me lembro. Era uma galeria nova, de um artista que havia morrido recentemente, os moradores da minha cidade pequena decidiram honrá-lo com um espaço, onde antes fora uma espaçosa loja, mostrando a todos suas obras. Todos com roupas muito formais, era estranho vê-los tão animados. Minha mente não compreende como uma pessoa só consegue reunir uma cidade inteira após sua morte, e quanta gente! Havia pensado mais, mas agora não consigo lembrar o quê. Enfim, andei um pouco, eu e os meus pais, a minha mãe parando de vez em quando para apontar um detalhe, alguma coisa fora do comum nas pinturas, uma falha nas esculturas, mas eu não a entendia. Como pode haver tanta coisa “fora do comum” na arte e por que é arte?

Durante minha caminhada com meus pais, uma pintura em particular me chamou atenção. Era grande, ocupava quase uma parede inteira da antiga loja e retratava três pessoas: uma azul, à esquerda; outra

vermelha, à direita; e uma roxa, entre as outras duas. As cores se misturavam em um *dégradé*, a única coisa que separava as três pessoas era os finos traços do que eu imaginava ser um lápis. Apreciei as cores, as quais ficavam fracas à medida que se aproximavam dos limites da tela, e o fato de a tela ser pintada à aquarela. Talvez a obra não tenha sido terminada, mas sua beleza era notável. Talvez fosse ainda mais bela se o artista não tivesse morrido. Não sei o porquê de o quadro me chamar tanta atenção, talvez as expressões serenas das figuras ou o fato de essas cores serem as minhas preferidas. A voz de meu pai interrompeu meu pensamento, instando para continuarmos a visita.

Já estava um pouco cansada de andar, mesmo que o lugar não fosse lá muito grande. Havíamos chegado a uma parede. Uma parede branca, imóvel, estática. “*Só isso?*”, pensei comigo. “*Suas obras devem ter acabado por aqui*”. Sentei-me num banco, agora não me recordo muito de como era, nessa parte minha memória começa a ficar misturada, só me lembro de sentar enquanto meus pais conversavam, sozinha, com os meus pensamentos. Foi em um piscar de olhos, simplesmente, nenhum som, nenhum aviso, só abri meus olhos, após piscar, e vi a parede aberta. Era como se algo ou alguém tivesse destruído parte da parede — não, era como se eu estivesse em outra dimensão. Meus olhos fixaram aquele buraco escuro, tão vazio e desprovido de qualquer luz, não percebiam que a multidão na galeria havia sumido e as luzes tinham se apagado. O ambiente que era animado e familiar estava com uma aura misteriosa e que me dava arrepios. Não sabia o que fazer.

Encarei o estranho buraco na parede. Concluí que deveria estar ligado ao desaparecimento repentino das pessoas, não sei como, mas é o que a minha intuição me dizia no momento. Minha garra na realidade, já tão fraca e podendo se desfazer a qualquer momento, nesse instante



se dissolvia. Não sou cética, não, mas, quando uma pessoa é confrontada com uma situação dessas, é impossível não duvidar de tudo que existe até esse ponto. Fiquei em um impasse: não sabia se esperava até tudo voltar ao normal — isso se voltasse, o que era absurdo — ou, mais absurdo ainda, continuava pelo buraco. Algo me impeliu a seguir a última ideia.

Andei. Continuei até a escuridão assombrosa do lugar dar espaço a uma luz. Foi quando me aproximei dela que percebi o lugar que estava indo. Era colorido. Muito colorido, mas não com todas cores — eu só conseguia enxergar azul, vermelho e amarelo. O lugar me lembrava um circo ou, talvez, um parque infantil. É aqui que a minha memória começa a falhar, pois desmaiei logo após.

Quando acordei, estava em uma cama vermelha e azul. Deparei-me com um quarto similar ao de uma criança, não que eu fosse adulta, mas o lugar me deixava um pouco constrangida. Era tudo muito colorido e minhas roupas pretas e brancas me davam uma sensação de que eu não devia estar ali. Foi quando eu a vi. Ela tinha cabelos longos e vermelhos e olhos de cor similar. A genética, nunca antes vista por mim em toda a minha vida, fez-me desconectar ainda mais da realidade, o que me deu uma certa coragem para falar qualquer coisa que me viesse à mente. Já estava preparada a assumir que estava sonhando, talvez dormindo sentada em algum lugar da galeria, onde acordaria depois e tudo voltaria ao normal.

Contudo, isso era só uma suposição. —

— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou, encarando-me como se eu fosse um alienígena.

— Eu não sei ao certo... — sempre gaguejava ao falar com pessoas novas, mesmo se fosse um sonho, mesmo se soubesse que o mundo iria acabar, não iria me desprender do medo de falar com pessoas que não conheço.

— Humanos não são permitidos aqui! — sua expressão, agora séria, deixava-me com ainda mais medo. Estava prestes a tremer.

— Me.... desculpe-me....

Ela suspirou. Tentei recuar de sua agressividade, mas bati com a panturrilha na cama que estava deitada — não havia escapatória dela. Até que...

— Ei, esse não é o jeito de falar com humanos, Cordelia! — disse um rapaz, entrando no quarto. Ele tinha cabelos e olhos azuis, de um padrão esquisito, porém similares aos de Charlotte — Deixe a menina em paz! — seus olhos eram gentis, sentia que podia confiar nele, mesmo não o tendo conhecido antes.

— Ah, Inigo! — a presença do outro pareceu deixá-la mais pacífica, o que me aliviou. Os dois me fitavam, como se não soubessem o que fazer. Então, decidi falar primeiro.

— Eu... Eu só quero ir para casa, é isso! Todo mundo na galeria desapareceu, até meus pais, eu não sabia para onde ir, só quero voltar, voltar ao normal...!

Os dois se olharam. Inigo passou de uma expressão confusa para um sorriso confiante.

— Deixa que eu cuido disso, irmã! Não há nada com que se preocupar! — Cordelia desconfiou, mas assentiu.

Inigo me mostrou o lugar, que na verdade era um castelo. Era tão gentil comigo, explicou-me cada coisa, que nem vi o tempo passar. Não havia como medir tempo nesse mundo, aparentemente, o meu relógio por alguma razão parou de funcionar. Não sei quanto tempo passei ali, com os dois irmãos — tão diferentes um do outro —, mas conheci o bastante sobre o mundo deles. Era tudo muito colorido, até a pipoca era colorida — infelizmente, era indigerível, apesar do sabor doce — e havia

um mundo, somente deles, todo colorido. Era completamente vermelho e azul. Isso me preocupava. Ali não morava ninguém além dos dois irmãos, e se isso fosse um sonho, estava absurdamente mais longo do que um sonho normal. Decidi não pensar mais nisso. Passando tempo em uma sala, novamente com ar infantil e repleta de brinquedos, Cordelia falava de qualquer coisa para mim. Conheci um novo lado dela, além da agressividade inicial. Falávamos como se fôssemos amigas, o que me fez refletir em minha própria vida. Não tinha amigos. Encontrei nesse mundo vermelho e azul algo que nunca tive em meu universo: amizade.

Foi quando Inigo entrou e me convidou para ir, sozinha, a um lugar. Era um salão enorme, vazio.

— Sabe... Nunca em toda nossa vida recebemos um humano aqui! — sua expressão era séria. Essa palavra de novo. *Humanos*. Quer dizer que eles não são?

— Eu nunca vi Cordelia tão feliz, em toda minha vida. Eu estou vivo há uns séculos, já!

*Séculos?* Meu espanto deve ter se mostrado em minha face, já que ele sorriu um pouco.

— Sim, minha irmã e eu estamos aqui há um tempo. Isso é mais uma coisa que nos diferencia dos humanos! — Inigo se apoiou em um pilar — Nós os observamos! Cuidamos! Somos o que vocês chamam de... Deuses!

Mil perguntas surgiam na minha cabeça, mas decidi somente ouvir. Ele confia em mim, isso me deixava com uma sensação boa. Inigo se aproximou, aproximou-se demais, mas eu não tinha percebido. Segurou minha mão com um gesto rápido e sorriu.

— Cordelia tem o poder de destruir. Já eu... — em um piscar de olhos, eu estava em um vestido roxo — Eu tenho o poder de criar qualquer coisa!

E dançamos.

Inigo me deixou sozinha após a dança, e eu renasci. Estava adorando esse sonho, queria ficar aqui para sempre. Voltei ao quarto que eles me emprestaram e me deitei. Estava quase perdendo a consciência — teria sonhado dentro de um sonho? — quando Cordelia entrou em meu quarto. Não consegui decifrar sua expressão, ela somente me instou para segui-la. Passamos por diversos lugares, inclusive alguns que não tinha visto antes.

— Esse lugar é realmente incrível! — tentei puxar assunto.

Cordelia não respondeu. O que houve para deixá-la assim?

Chegamos a um lugar lindo. Era diferente de todo o resto. A grama era preta e tinha algumas flores azuis espalhadas. A água era um lindo tom de azul claro. Cordelia parou e se sentou, e eu fiz o mesmo.

— Eu não entendo — a atmosfera era ameaçadora, não havia sentido esse medo desde que nos falamos pela primeira vez, mas agora não importava, era só um sonho e Cordelia me encarava — Você é só uma humana!

Com uma coragem que só um mundo imaginário consegue fornecer, falei:

— E isso não quer dizer nada. Somos iguais, não somos?.

— Iguais? *Iguais*? Não. Eu sou melhor do que você. Isso está na nossa natureza! — Cordelia praticamente rosnou.

Não entendia porque ela estava assim. Não entendia o que eu tinha feito de errado. Teria ela ciúme do próprio irmão?

— Você... Você não devia estar aqui comigo... E com o Inigo. Volte! — agora seu tom era de tristeza. Cordelia passava por emoções e personalidades com uma rapidez extraordinária.

— Não posso! — disse, como se isso não fosse problema meu.

— Óbvio que você pode. Vai e volte de onde você veio!

— Isso é só um sonho, Cordelia! Logo após, eu vou acordar. Eu vou me esquecer de você... do Inigo!

Cordelia escarneceu. Seus olhos eram como os de um predador. A sensação de sonho sumiu. O medo era real.

— Um *sonho*? Você acha que eu sou uma mera figura da sua imaginação? É isso que você pensa de mim, depois de tudo que eu fiz para você? — Cordelia não percebeu, mas, à medida que ia enfurecendo, sua pele quebrava como se fosse de vidro, seus olhos ficavam cada vez mais escuros. A única coisa que os realçava era as pupilas vermelhas, agora tão nítidas e amedrontadoras.

— C... Cordelia... Eu não quis dizer...! — eu recuava, mas ela avançava. Sua natureza não humana se fazendo mais aparente com o passar do tempo.

— Ei... Você acha que está no comando? — Cordelia, em toda sua monstruosidade, perguntou-me e inclinou a cabeça, realçando a ideia de presa e predador.

— O... O quê? Mas isso... É só um sonho...! — eu consegui dizer enquanto o mundo se desfazia a minha volta, estava sendo desfeito, Cordelia também. Sua pele trincava e derretia, era uma cena horrenda.

Não havia nada por baixo de sua pele, apenas escuridão.

— *Eu estou no controle*. Eu sou muito mais que só um pedaço da sua imaginação. *Eu fui a pessoa que criou tudo!*

Era só um sonho, não era?

**MANUELA WILLEMANN ZANATTA**

Aluna do 3º ano do Colégio Unesc

**[Voltar ao sumário]**

## Amor e crime

A história se passa no século XIX, ano de 1860, nos Estados Unidos da América, um homem de 34 anos, sem família, com uma pequena herança que lhe foi deixada, não tão enorme, mas que dava para pagar suas dívidas, pois não se aguentava em emprego algum, chamava-se Elliot Bolton, ou Dr. Bolton, como gostava de se nomear, porém doutor era de forma alguma.

Numa manhã de segunda-feira, foi acordado aos socos na porta, ele boêmio, em meio a prostitutas, levantou-se e vestiu suas roupas às pressas. Abriu a porta, com o rosto todo amassado e cheirando a bebida, era Albert Fidel, o delegado da cidade, que logo lhe deu a notícia.

— Dr. Forest requisita sua presença em sua casa, a carruagem o espera na porta do prédio.

Enquanto Albert se retirava, Elliot puxou de seu bolso um relógio e deu um grito:

— É bom que seja urgente, pois só me levanto da cama às oito horas se me derem uma garrafa de whisky, é claro, importada!

Elliot se arrumou descentemente, desceu as escadas e foi à casa do Dr. Forest, Evan Forest. Os dois estudaram a infância inteira juntos e, desde lá, não se distanciaram, mas, ao contrário de Elliot, Evan conseguiu construir sua fortuna com grandes empresas construtoras, Empresas

Forest; noivo de uma das mais belas moças da cidade, e era sobre isso que se tratava o assunto, quando chegaram à casa de Evan. Ele logo descreveu a Elliot o que havia acontecido, pois o que ainda não contei é que Elliot, mesmo com todos seus defeitos, era sábio, considerado o melhor detetive da cidade, mesmo sem exercer o cargo, apenas em alguns casos quando envolvia muito dinheiro ou fama.

— Elliot, meu amigo! Diria que estou feliz em vê-lo, mas isso é impossível!

— Isso de fato é uma ofensa, mas já ouvi coisas piores de você! Bem... Conte-me o motivo de me tirar da cama tão cedo.

— Como você já sabe estou para me casar com Alina e, como todas as minhas festas, essa vai ser grandiosa, a mais grandiosa, porém todo meu dinheiro reservado para isso estava em um cofre que foi roubado nessa madrugada, enquanto ia à casa de meus pais para lhes falar, não sei de que forma, mas, incrivelmente, um cofre de um metro e meio sumiu, sem pistas.

— Bom... Pelo que eu analisei desde que cheguei...

Nessa hora, o delegado Albert o interrompe e diz:

— Eu disse ao Dr. Forest que não preciso da sua presença, Elliot, pois eu mesmo já desvendei o caso!

— Ah, sim! Então, conte-me a sua versão.

— Às quatro da madrugada, pois o bar aqui da frente fecha às três horas, os assaltantes deram tempo de todas as pessoas saírem do local, posicionaram uma carroça, passaram o cofre pela porta que foi arrombada e o levaram em direção ao sul da cidade, onde foi visto uma carroça carregando algo grande coberto por panos.

— Bela versão, Albert, mas tenho que discordar, porque está completamente errada.

— Mas, como ousa?

— Bom... Pelo que Evan me disse o cofre tinha um metro e meio de altura e largura, não é, Evan?

— Sim, Elliot!

— Portanto, Albert, o cofre não poderia passar pela porta, mas pelas janelas, que estão todas trancadas a cadeado. Além disso, o cofre é muito pesado para subir as escadas e passar pelas janelas de cima e, mesmo que fosse possível, o barulho seria estrondoso, acordando aos vizinhos. Como tiraram? Eu ainda não sei, mas não foi algo tão óbvio!

Depois de analisar todo o andar da casa, Elliot perguntou a Evan:

— Há algum cômodo grande abaixo do andar onde estamos?

— Sim, a dispensa!

Quando desceram, encontraram o cofre aberto, sem dinheiro algum. Evan, pasmo, com o que vira, não entendia a situação e falou:

— O que aconteceu aqui?

Elliot retrucou:

— Você disse que guardava tudo para o casamento no cofre, não é? Poderia ser mais específico?

— As alianças, o dinheiro para a festa, todos separados por notas, envoltos em fitas coloridas para identificação rápida, além do medalhão de minha avó, que pretendia dar a minha noiva em nossa cerimônia.

— Bom... Evan, sobre as alianças, a caixinha em que estavam guardadas era preta?

— Sim, como sabe?

— Simples, estão ao lado daquela estante e, se deixaram cair algo, é porque estavam com pressa.

Evan, junta as alianças, e dá um sorriso, falando:

— Pelo menos algo de bom me sobrou.



Elliot nota um pedaço de pano preso à quina da porta da dispensa, pega-o e guarda no bolso. Todos subiram de volta à sala e Elliot começou a fazer perguntas a Evan:

— Evan, vou lhe fazer perguntas. Apenas escute e responda, sem retrucar. A que horas chegou em casa?

— Eram seis horas da manhã, de hoje.

— Qual era seu estado?

— Cansado, com sono.

— Quando percebeu o roubo?

— Logo após tomar um banho, quando descí para comer algo.

— Onde está sua noiva?

— Minha noiva? Eu não sei... O que isso tem a ver com o....

— Onde está sua noiva?

— Ela viajou com seus pais para escolher o vestido de noiva, em Paris.

— Leve-me a casa dela, agora!

Neste momento, o delegado Albert se alterou e disse:

— Está desconfiando de uma jovem rica? Isso é burrice!

— Burrice é ser um delegado, querer investigar um crime sem analisar a casa toda, pois, pelo que vimos, o cofre nem chegou a ser tirado da casa.

Albert se calou e todos se dirigem à casa de Alina, noiva de Evan. Antes de tocar a porta, Evan ainda insistiu e disse:

— Isto é só para lhe mostrar que nem sempre você está certo!

Então, ele tocou, quem abriu foi Alina, que estava com um sorriso no rosto, que logo o desfez, e fechou a porta pelas costas. Evan, assustado, perguntou:

— Alina? E, Paris? O vestido?

Ela, nervosa, responde:

— Ah, meu amor, a viagem foi curta, já estou de volta!

Elliot interrompe:

— A senhorita pretende nos convidar para entrar?

— Desculpe, senhor, mas eu lhe conheço? Se não, deveria ser mais educado.

Então, Elliot forçou a entrada da porta e escutou passos corridos para o andar de cima da casa, tentou segui-los, mas o delegado o segurou e disse:

— Você não tem um mandado e nem mesmo é um oficial!

— Eu pedi alguma opinião sua, senhor?

Mesmo assim, ele subiu correndo as escadas. Todos escutaram fortes barulhos vindos do andar de cima, de repente Elliot desceu as escadas segurando um homem que ele algemou. Alina gritou:

— Solte o homem, é meu empregado Xavier, não merece tanta violência!

— Esse seu empregado entende bastante de lutas e é muito forte para ser um empregado, mas não foi só isso que achei lá em cima.

Todos sentaram à mesa, enquanto Elliot jogou o dinheiro, separado por notas e cor.

— Isso não prova nada! Eu não roubei nada! — disse Alina

— Uau! Está se entregando sozinha, que eu saiba ninguém lhe falou de roubo algum.

Evan olhou para Alina apavorado. Quando viu em seu pescoço o medalhão de sua avó, disse:

— Apenas uma ladra burra, usaria o medalhão que roubou e pensar que eu confiava em você!

Elliot explicou:

— Evan, deixe-me explicar tudo o que aconteceu. Alina é uma moça sem pais, pois, se os tivesse, estariam aqui, se ela lhe apresentou algum, acredite, eram falsos. Falida, sem rumo, juntou-se ao seu amante Xavier, se esse é realmente seu nome, para dar o golpe do baú. No entanto, quiseram apressar o roubo e foram até sua casa. Ele arrombou a porta, ambos tentaram abrir o cofre, mesmo na sala, mas, percebendo que você havia chegado, correram às pressas com o cofre para a dispensa, local seguro para abri-lo. Quando conseguiram, você já estava saindo do banho, então, saíram da casa rapidamente pela porta dos fundos que já havia sido arrombada e estavam até agora nessa casa preparando as malas para fugirem do país.

Alina viu que não tinha jeito e admitiu o crime, os dois foram levados à delegacia e, lá, presos. Evan levou Elliot para casa, mas antes de fechar a porta da carruagem, Evan perguntou:

— Elliot, como sabia que era ela quem havia roubado?

Elliot, então, tira do bolso o pedaço de pano que havia achado na dispensa.

— Achei na dispensa, são bordados de mulher, e de mulheres eu conheço bem, agora me deixe ir, pois a minha cama está cheia delas.

**MARIA LAURA SOMARA**

Aluna do 3º ano do Colégio Unesc

**[Voltar ao sumário]**

## Um desses momentos

**H**á momentos na vida de uma pessoa que ela para e começa a se lembrar do passado, seja porque está olhando coisas antigas ou, simplesmente, por se sentir nostalgia. Algumas lembranças causam felicidade; outras, tristeza ou diversos outros tipos de sentimentos.

Deixe-me contar uma história sobre um desses momentos.

Era uma noite como qualquer outra para esse casal de idosos, eles estavam na cozinha, conversando e cozinhando quando, de repente, acabou a energia elétrica na casa. Calmos e sem se preocuparem, pegaram algumas velas e um lampião antigo. Olhando para os vizinhos, perceberam que todos naquela rua tiveram o mesmo problema.

Como ainda era cedo, resolveram comer coisas simples e continuar a conversa até que a luz voltasse. Sentados à luz de velas e olhando para o velho lampião, começaram a se sentir nostálgicos.

— Querido — olhando para ele — Você não se lembra da infância ou da juventude e de tudo o que fazíamos?

— Claro que sim, Debbi, mas não tantas quanto você. Você passou um tempo morando em uma chácara, já eu... Eu só acampeei algumas vezes porque você sabe... Sempre morei em cidades grandes!

— Sabe de qual história me lembrei, assim que começamos a comer?

— Tem tantas que eu nem sei dizer qual poderia ser...

— Aquela dos meus primos...

— Amor... Isso é relativo... Vocês moravam juntos! Há dezenas de histórias!

— Está bem... Vou contar de novo! Todos os dias, depois do jantar, minha tia fazia um dos meninos levar os restos das refeições do dia para fora de casa e jogar no curral aos porcos. Enquanto isso, outros 14 ficavam do lado de dentro fazendo bagunça e brincando.

Todos eles gostavam de uma brincadeira em particular: assustar uns aos outros. Brincavam disso todas as noites. Claro, eu ajudava, mas eles nunca tentaram me assustar. Sabiam que eu me vingaria.

Naquela noite, era a vez de Thiago jogar a comida aos porcos. Como ele tinha, e ainda tem, muito medo de fantasmas, o resto do grupo decidiu assustá-lo. Não me lembro bem... Acho que foi o Daniel... Ele se cobriu com um lençol branco, escondeu-se atrás de um monte de feno e esperou Thiago passar.

Quando ele passou, Daniel saiu do esconderijo e Thiago levou um susto tão grande que largou o balde e voltou correndo para dentro de casa. Lembra que a casa da tia era em "T"? O *hall*, indo reto, você passava pelos quartos dos dois lados do corredor e parava na cozinha? E, continuando reto, você saía de casa e acabava no quintal?

— Sim, eu me lembro. Eu sempre gostei dessa casa. Ela era bem grande e bonita, mesmo sendo simples.

— Concordo! Pena que ficou para o Leonardo... Agora, deixe-me terminar a história.

— Ok, amor! Eu deixo. Gosto dessa história — mencionou o marido, sorrindo.

Debbi retribuiu o sorriso enquanto balançava a cabeça:

— Onde eu parei? Ah! Já sei! Ele entrou correndo, apavorado e continuou até sair do outro lado da casa. Quando percebeu que estava novamente do lado de fora, deu a volta correndo. Ele fez isso diversas vezes, cada vez mais assustado. A única coisa que eu conseguia fazer era rir. Foi muito engraçado — ela falava, rindo bastante. Ele ria também.

Os dois ficaram um tempo sorrindo, lembrando outras velhas histórias e, às vezes, rindo. De repente, ouviram alguém os chamando do lado de fora. Saíram e encontraram um velho amigo, que, apesar de conversar através do tempo, não viam desde a festa de Bodas de Ouro, há vários anos.

— Benjamin! Que surpresa! O que você está fazendo aqui? Faz muito tempo desde a última vez que nos vimos! — exclamou Debbi, muito feliz por vê-lo.

— Isso é verdade! Temos que dar um jeito de você nos visitar mais vezes, Ben, ou de irmos à sua casa. Mas, por enquanto, por que não nos diz o motivo dessa visita surpresa tão tarde da noite?

— Oi para vocês também! Desculpem-me pelo horário, é que eu fiquei muito empolgado com uma notícia que recebi e pensei que vocês tinham que ficar sabendo o mais cedo possível. Não fiquem muito animados, só vou contar o que é se vocês me convidarem para entrar e me explicarem o que está acontecendo aqui, que está tudo escuro.

— Entre, entre. Rápido! Vou pegar uma xícara de chá para você enquanto ele explica a situação — ela foi à cozinha esquentar um pouco de chá e, quando voltou, seu marido já havia explicado tudo, e eles estavam prontos para ouvirem as novidades.

— Ok! Não vou ficar muito tempo, só vou contar o que é e vou voltar para a minha casa.

— Tudo bem! Agora pode parar de fazer suspense e nos dizer logo o que é? — disse o marido, sorrindo para o amigo, enquanto abraçava a esposa.

— Bem... A notícia é a seguinte: eu vou ser avô! De novo! É inacreditável! Depois de passar anos esperando a minha filha engravidar e,

depois de uma adoção maravilhosa, finalmente vou ter um neto do meu próprio sangue! Eu só fiquei feliz assim no dia em que eu conheci minha primeira netinha! Eu estou emocionado... — exclamou com tanta alegria, que começou a chorar.

O casal, também emocionado, parabenizou-o e continuaram conversando por mais alguns minutos, até que Benjamin teve que sair. Quando ficaram sozinhos outra vez, voltaram ao passado novamente. Dessa vez, foi a vez do marido contar uma história de sua infância.

— Eu também lembrei uma história que gosto muito. Não sei se já contei para você... É sobre um acampamento a que eu fui com os meus amigos, quando tinha 15 anos.

— Não era aquele na Floresta Amazônica, onde vocês se perderam e esqueceram a mochila com as coisas? E, passaram alguns dias procurando o caminho de volta na mata?

— Não, não foi essa vez! — respondeu ele, rindo bastante ao se lembrar do acontecido — Esse acampamento foi quando eu tinha 19 anos. Nós não tínhamos esquecido, foi a companhia de viagens que as perdeu...

Depois que ela riu e concordou, a história teve início:

— No verão, decidi que queria me aventurar na floresta, com alguns amigos, e ficar um tempo longe dos meus pais. Por isso, convidei dez pessoas para irem comigo, mas somente seis conseguiram permissão.

Marcamos a data, combinamos de ficar uma semana, arrumamos todas as coisas e fomos para a Reserva Natural. Não me lembro de onde ficava... Mas sei que demoramos umas quatro horas para chegarmos. O dia estava ensolarado.

Ao chegarmos lá, a primeira coisa que fizemos foi procurar um lugar perto de um rio para montarmos as barracas. Depois de arrumarmos tudo, comemos e conversamos ao redor da fogueira que tínhamos montado. Mais tarde, fomos dormir.

Nos três primeiros dias, criamos uma rotina: acordávamos, comíamos algo da mochila, enquanto conversávamos, e, depois, explorávamos a floresta. Foi muito divertido! — sorriu com a lembrança — Nesses dias, eu gostava de ir com um ou dois amigos nadar no rio.

Contudo, nos dias que se sucederam, começou a chover. Fraco no início, mas foi piorando com o passar das horas. Não levamos casacos. Por isso, começamos a colocar camiseta sobre camiseta, calça sobre calça e meia em cima de meia, mesmo que estivessem molhadas. Em virtude da chuva, a água estava entrando na barraca.

Um dia antes de voltarmos, tivemos um problema maior ainda. Choveu tanto que o rio subiu até onde estávamos e as barracas começaram a encher de água. No desespero, desmontamos e guardamos tudo, depois saímos correndo, carregando nossas coisas até onde achávamos que fosse a entrada do parque. Tentamos nos ajeitar da forma mais seca possível e esperamos o dia seguinte.

Ao acordarmos, nem parecia que tinha acontecido uma tempestade poucas horas antes. Arrumamos tudo e cada um voltou para a sua casa. Quando cheguei à minha, mamãe quase teve um infarto com a minha aparência. A reação dela foi muito engraçada! — comentou, rindo bastante.

Terminada a história, os dois passaram um tempo rindo e comentando ambas as aventuras. Foi nesse momento que a luz voltou. Percebendo que já era tarde, foram dormir.

Um momento nostálgico, feliz e engraçado. E é assim que termina esta história.

**SARAH HEREIBI**

Aluna do 3º ano do Colégio Unesc

**[Voltar ao sumário]**





## Nova crônica da conquista

**A**fonso nasceu em uma época pacífica. Os verões eram sempre longos e as safras sempre fartas. Já haviam acabado as guerras de reconquista em Portugal<sup>1</sup>, o medo de invasões se dissipava, reinava a tranquilidade, como um dia em que há sol, mas com um ar frio.

Afonso gostava de se sentar à janela do castelo e observar os camponeses trabalhando. Sua família era nobre, ganhou o título por mérito, estava sempre na vanguarda de todas as guerras. Gostava de olhar para uma camponesa em especial, de aspecto forte, cabelos loiros e longos, tapados por um lenço vermelho. Ela estava sempre nas lavouras, ao pé do castelo, trabalhando sem nunca precisar ser auxiliada por homem algum. Ele passava horas a vê-la, era tão graciosa quanto a natureza que a rodeava. Para ele, era uma pintura em movimento; as montanhas, o céu, os rios e as árvores não passavam de uma moldura para engrandecê-la ainda mais.

O país passara séculos de guerra contra os infiéis, criando, assim, aquela nação, uma nação de cavaleiros, cujo único objetivo era, em nome de Cristo, reconquistar as terras d'Ele tomadas. Os pagãos já haviam sido

---

<sup>1</sup> Período de guerras entre cristãos e muçulmanos, pelo controle da Península Ibérica, em Portugal, durando de 868 a 1249 d.C. Este período marcou também a Independência Portuguesa.

expulsos da Ibéria, porém, além do Gibraltar, restara ainda a corja muçulmana. Assim, seguiram-se décadas de guerras navais, consumindo recursos de ambos os lados, sem nunca acabar realmente a guerra, mas aquilo havia de acabar e, quando acontecesse, o vencedor havia de ser Javé.

Afonso, com seus vinte anos, já se mostrava um cavaleiro formado, faltava-lhe apenas provar seu valor em batalha. Desde a infância, ele ouvira o pai contar-lhe sobre as terríveis batalhas contra os castelhanos<sup>2</sup>, e de como o país todo se envergonhava de ter embebido as mãos no sangue de seus irmãos. Seu pai não se orgulhava de ter matado centenas deles, contava os detalhes terríveis da guerra. Os castelhanos não deixaram escolha é certo<sup>3</sup>, porém um erro não consertava outro, os cavaleiros portugueses sentiam que deviam reerguer sua honra, limpando suas mãos em sangue infiel. Cabia a Afonso honrar novamente o nome de sua família, sem a honra em batalha, nada os diferenciava dos pagãos e dos selvagens.

Certo dia, Afonso estava na biblioteca quando fora avisado do mensageiro real, eram sempre esses mensageiros que traziam as mais importantes notícias, normalmente nascimento de príncipes ou, mais raramente, guerras. Ele o recebeu nos portões da cidadela, o homem tirou de uma bolsa de couro a carta e, nela, havia o selo de cera da coroa.

Era jovem, mas toda a sua vida passara estudando, não menos por letras que por armas<sup>4</sup>. A guerra era o motivo pelo qual muitos de seus tios e primos saíram do castelo e não retornaram. A morte já não o assustava, pois estava cansado de ler as histórias de guerreiros e, principalmente,

---

<sup>2</sup> Referência à Batalha de Aljubarrota. Batalha consagrada até hoje como uma grande vitória portuguesa.

<sup>3</sup> D. João I de Castela invadiu Portugal após se declarar herdeiro legítimo da coroa portuguesa.

<sup>4</sup> Trecho adaptado de Camões, canto III, estrofe 13, verso 8.

as maneiras pelas quais morriam, que eram sempre tão louváveis, sendo uma verdadeira bênção morrer nos mesmos padrões.

O que mais o assustava era a vida, quando pensava no que havia de fazer com ela, nada além de morrer surgia em sua cabeça. Seria isso que Deus reservou a ele?

Com esse pensamento e o choque de finalmente ter sido convocado, Afonso pegou seu escudo, fixou-o às costas, preparou seu cavalo e saiu da cidadela. Passou pelos portões, com tamanha pressa, que as pessoas em volta se jogavam para fora da estrada. Seus olhos passavam por toda a paisagem, estava à procura daquela camponesa, a moça pela qual sua alma ansiava.

Achou-a perto do moinho, ela não esperava pelo jovem cavaleiro. Afonso parou ao seu lado e, quando ela olhou em seus olhos, ele derrubou a cesta de grãos que ela carregava e a puxou para cima do cavalo. A jovem gritou e se debateu, mas logo se fez silêncio, percebera a cruz azul no escudo<sup>5</sup> e isso a acalmou. Afonso parou em uma clareira, dentro da floresta real; era onde ele e seu pai caçavam.

Soltou a moça e, em seguida, desceu do cavalo. O sol estava em seu auge, porém o dia ainda estava frio, o vento balançava tudo, a grama e as árvores, que dançavam coordenadamente, mas nada naquele lugar dançava como seus cabelos, cujas mechas douradas fundiam-se aos raios de sol.

— Tu és a responsável pelo meu sofrer, não há na criação beleza que se iguale a sua. Não há em meu coração vazio maior que o de sua ausência — falando isso, Afonso ajoelhou-se e retirou do dedo mínimo

---

<sup>5</sup> Referência à bandeira do Condado Portucalense, que se declarou independente em 1139 como Reino de Portugal.

um anel de prata, com cinco pequenas águas-marinhas incrustadas em forma de cruz<sup>6</sup>.

— À guerra hei de partir logo, na guerra hei de vencer, e a ti hei de retornar com certeza, este anel será para ti uma lembrança de mim. Com ele, poderás viver no castelo e ser tratada como Dona para sempre, caso eu volte ou não.

Ao ouvir isso, a jovem dama caiu de joelhos, e ambos, ajoelhados, abraçaram-se. Afonso olhou profundamente em seus olhos, via neles um futuro dourado, incontáveis gerações felizes, conquistas e sonhos realizados, um povo inteiro havia nela, um povo forte como sua terra. Seus olhos se encheram de lágrimas, pois era uma das maiores bênçãos ser desta dama um incauto amante, a mais bela das damas da Europa.

Afonso não teve muito mais tempo com sua noiva. Dois dias depois, partiu com seu exército para o Porto, onde embarcou para se juntar à armada de D. Henrique. Durante a viagem, Afonso pensava em sua dama, a qual ficara no castelo, pensava também na horrenda guerra que estava por vir. Pensamentos nunca deixavam Afonso em paz, eram como os monstros aquáticos, mesmo não os vendo, incomodavam-no.

À altura do Tejo, Afonso pintou seu escudo, acendeu a pintura azul da cruz, já apagada com o uso, adicionou também, na banda horizontal, a frase em branco "Por minha Dama"<sup>7</sup>. A armada partiu de Lisboa, com 45 mil homens, seguiu ao sul, chegando ao estreito de Gibraltar, onde começaram o desembarque. O tempo era ruim, ventava muito e o mar estava agitado, o céu negro parecia prever o massacre que os homens fariam em terra.

Quando havia trezentos homens em solo africano, D. Henrique mandou-os parar o desembarque, o príncipe comandava a conquista e

---

<sup>6</sup> Referência ao escudo de Portugal, usado de 1139 até os dias atuais.

<sup>7</sup> Referência a um painel de azulejos, pintado por Jorge Colaço, representando um episódio da Batalha de Aljubarrota.

fora ele quem convenceu seu pai, o rei D. João I de Portugal, a conquistar as terras de Ceuta, tão famosa<sup>8</sup>.

Com o exército paralisado ao mar e a cidade à frente, D. Henrique deu uma ordem que fez até os cavaleiros mais corajosos estremecerem. Ordenou-lhes invadir a cidade, trezentos homens contra os milhares marroquinos. Nenhum deles ousou questionar, muito menos fugir, pareceu proposital a escolha dos melhores cavaleiros para essa primeira descida.

Afonso pensou que atacar a cidade em tão pouco número era um ato propositalmente poético, demonstraria ao Nosso Senhor o que aquele reino estava disposto a fazer pela cristandade. D. Henrique provavelmente havia planejado aquele ataque desde Lisboa. Com certeza, havia muita inspiração anterior. D. Henrique devia se sentir um novo Leônidas; Ceuta, uma nova Termópilas<sup>9</sup>.

D. Henrique iniciou a marcha pela areia dura da chuva. Os cavaleiros andavam a passos largos, as luzes da cidade eram vistas e a imensa muralha negra cortava as estrelas do céu. Eles aproveitaram o manto escuro para invadir as muralhas sem alarde. Ergueram as escadas sobre os muros e, cuidadosamente, foram apoiando-as de forma a não fazer nenhum barulho que pudesse alertar os guardas, já sonolentos. Um a um, tiveram seus sonhos interrompidos por uma lâmina fria no pescoço. A escuridão que fora amiga nesse primeiro momento despedia-se e uma aurora rosada os saudavam. Com a chegada da luz do dia, ficou impossível se esconderem. Os sinos badalavam, a cidade sabia agora que a guerra havia chegado.

Os mouros também haviam dado vista da frota nortenha que os cercava pelo mar e, assim, tiveram noção do tamanho da ameaça que esse

---

<sup>8</sup> Trecho adaptado de Camões, canto I, estrofe 64, verso 8.

<sup>9</sup> Referência à lenda d'Os Trezentos de Esparta.

novo dia os trouxe. Boa parte das tropas da Guarda já havia sido massacrada. Portanto, uma ameaça grande aos trezentos demorou a apresentar-se, seguiram, então, para a Praça Central. Do mar, a frota ouvira os alarmes e começara a bombardear a cidade, enquanto outros navios desembarcavam soldados e mais soldados.

O caos tomou conta da cidade, o estrondo dos canhões, os gritos dos feridos e o terror tomou conta do cenário. O exército de defesa da cidade se organizou para fazer frente à ameaça primária, os trezentos cruzados já estavam dentro dos muros.

Afonso viu-se enfim em uma batalha para a qual treinou, estava no início da praça central, atrás dele a estrada que o levou da casa da Guarda até a praça, que logo se encheu de mouros. Os inimigos não tardaram a avançar, havia pelo menos três mouros para cada português, parte da vanguarda sarracena caiu diante da primeira onda de flechas. Isso, porém, não deteve a investida, os mouros se jogavam sobre os lusitanos, que, por sua vez, defendiam-se e contra-atacavam com a fúria de quem havia, depois de décadas de vergonha, a redenção em mãos.

Lembrou-se das batalhas de seu pai, da maneira com que ele descrevia o ceife<sup>10</sup> de uma vida, como ele se sentiu ao esfriar um corpo que antes era quente. O cheiro do sangue era misturado ao dos intestinos perfurados e a da urina dos covardes. A guerra justa se mostrava tão suja quanto a injusta; ali não havia certo ou errado, bom ou mau, havia homens assombrados pela tênue linha da vida e da morte.

As cimitarras<sup>11</sup> árabes eram úteis contra um inimigo desarmado, sua forma curva e sua ponta pesada garantiam que a carne fosse cortada profundamente. Todavia, contra um alvo metálico, como um escudo ou uma

---

<sup>10</sup> Referente a ceifar.

<sup>11</sup> Espadas de lâmina larga e curvas, comum aos povos islâmicos.

armadura, ela ricocheteava e acabava desviada para o chão, forçando o mouro a fazer mais movimentos para erguê-la e atacar novamente, nesse meio tempo, os soldados cristãos usavam suas rapieiras<sup>12</sup> como estocadas, perfurando-os e retirando-as rapidamente. Essa vantagem fez com que os trezentos destruíssem a primeira defesa e, assim, subissem para a colina do forte, tomando o forte. A cidade oficialmente caía.

Aos portões do forte, chegou enfim o principal exército sarraceno, porém não vieram de cima, mas da praça. Os lusitanos viram-se ilhados por inimigos, não havia outra saída que não fosse a estrada da colina, que agora estava selada por inimigos. Eles precisavam sobreviver até a ajuda do exército principal chegar. Afonso estava na primeira linha como era esperado dele, o escudo nunca fora tão pesado, todos ali sentiam. Tamanho era o peso que a linha se rompeu e os muçulmanos avançaram por entre a formação; de uma batalha de grupos, tudo se tornou uma batalha individual.

Dois marroquinos avançaram contra Afonso, o primeiro o atacou com a espada, inútil contra o escudo cruzado, no tempo em que a cimitarra defletiu, a rapieira afonsina perfurou-o na garganta, o mouro acabou morrendo afogado com o próprio sangue. O segundo segurou a espada com as duas mãos e desferiu um ataque de cima para baixo sobre a cabeça de Afonso, ele, por sua vez, usou novamente o escudo e, após defender, deu um golpe diagonal de baixo para cima, cortando-o desde a veia jugular até o olho direito; o mouro caiu com as mãos no pescoço, tentando parar o sangue que corria. Afonso o pôs de peito para o céu e acabou com seu sofrimento, perfurou-o no peito.

---

<sup>12</sup> Tipo de espada comprida, estreita e plana, comum na Europa Ocidental, durante o medievo.

Ao tirar seus olhos do mouro moribundo, Afonso viu, em uma colina ainda mais acima da que estava, D. Henrique lutando contra um marroquino diferente, sua armadura era de placas e cada uma delas era decorada com detalhes dourados, suas botas metálicas tinham acabamentos como nuvens de fogo, seu elmo o protegia desde a testa até o pescoço. Era com certeza alguém importante.

A batalha seguiu por alguns minutos ininterruptamente, o líder mouro se aproximou rapidamente do príncipe e se pôs torso a torso, o marroquino derrubou D. Henrique com um calço e um empurrão, o português, por sua vez, deixou-se derrubar para ter a chance de lhe cortar as amarras do elmo.

Enquanto o elmo caiu, o marroquino levantou sua cimitarra para executar ali o nobre príncipe. No momento em que a espada tocou o céu, Afonso surgiu pelo flanco do mouro. Seu escudo caiu e sua espada foi guiada por uma força desumana; em um único corte, a cabeça do mouro se separou do corpo, a expressão de terror foi fixada na face escura.

A mesma inumanidade que tomou sua espada seguiu para a sua cabeça e nada além do ódio e do êxtase da batalha surgiu à vista de Afonso, que segurou a cabeça decapitada do mouro por meio do turbante, apertou seus cabelos e carregou consigo até a face da colina, que dava vista para todas as tropas.

Afonso estava cansado, sua armadura pesava muito. Todo aquele tempo de guerra pesava sobre seus ombros, provavelmente todos sentiam isso: o peso da opressão daquela batalha, tanto os mouros quanto os portugueses. As mãos de Afonso estavam cansadas de matar, trucidar, massacrar, seu coração fechava os olhos e chorava<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Referência à canção de Chico Buarque e Ruy Guerra, Fado Tropical.



Afonso ergueu a mão esquerda e, nela, a cabeça decepada. Em seguida, ergueu a mão direita e, nela, sua rapieira ensanguentada. Sua garganta libertou um grito tanto calado. Afonso foi ouvido por todos os soldados inimigos, que olharam para a cabeça, não de um capitão ou um líder qualquer, mas de seu rei Mohamed I, aquele que, descendendo do próprio profeta, levá-los-ia à vitória certa. Os portugueses olharam para seu compatriota vitorioso e sorriram. O pânico preencheu os corpos inimigos, não havia mais nada que garantisse aos marroquinos a paz. A cidade fora tomada.

Restava a Afonso retornar à sua dama, que o esperava radiante do outro lado do mar, agora conquistado.

**SAULO ROGÉRIO PACHECO ROCHA**

Aluno do 3º ano do Colégio Unesc

**[[Voltar ao sumário](#)]**

# Coronel Pedro

**E**m uma cidadezinha pacata, no interior do Nordeste, chamada Timbé, vivia a família Bezerra. Os moradores da cidade, só pelo fato de ouvirem falar nesse sobrenome, arrepiavam-se dos pés à cabeça. Pedro Bezerra era o coronel da cidade, nada entrava ou saía de lá sem ter seu consentimento. Ao se sentir ameaçado, livrava-se de qualquer coisa que ousasse atrapalhar a ordem de “sua” cidade.

Coronel Pedro casou-se com Ana Chapelin, sua amada. Depois de alguns meses casados, Ana descobriu que estava grávida. O coração dos jovens pais encheu-se de amor por aquele ser que ainda nem tinha nascido. Ao completar nove meses de uma gestação extremamente tranquila, Ana deu a luz a uma menina, que recebeu o nome de Isadora.

Tempos mais tarde, a menina cresceu, tornando-se uma linda jovem. Ao contrário de seu pai, Isadora era paciente, bondosa, não era egoísta e pensava sempre no bem de todos. O sonho de coronel Pedro era ver sua filha casada com alguém que pertencesse à mesma classe social que Isadora. Desde que a menina nasceu, Coronel Pedro planejou minuciosamente o casamento “perfeito” de sua filha.

Como de praxe, a família Bezerra frequentava a igreja da cidade todos os domingos. Essa era uma tradição passada de geração a geração, durante muito tempo. Certo dia, Isadora permaneceu na igreja depois do

término do culto, a fim de se confessar. Trazia consigo uma pequena bolsa, onde carregava algumas moedas de ouro para o dízimo e um lenço cor de rosa. Ao se dirigir até o confessionário do Padre, Isadora tropeçou em um dos degraus e deixou sua bolsa cair, espalhando pelo chão as moedas e seu lenço cor de rosa. Nesse instante, vinha atrás de Isadora para se confessar Henrique, jovem filho de um velho joalheiro da cidade. Em um gesto educado, Henrique tentou ajudá-la a recolher seus pertences, quando seus dedos se tocaram e, vagarosamente, olharam-se nos olhos. Sem sombra de dúvidas, naquele instante o coração dos dois bateu mais forte. Amor à primeira vista.

Para ver Isadora novamente, Henrique começou a ir à igreja todos os domingos, sendo sempre o último a sair. Isadora que não era boba, logo entendeu a estratégia do rapaz e permanecia também na igreja, até todos irem embora. Certo dia, Henrique disse a Isadora:

— Olá, chamo-me Henrique! Não vou perguntar o seu nome, pois quem não conhece Isadora, filha do grande Coronel Pedro?.

Isadora sorriu e perguntou:

— Não acha arriscado estar falando comigo? Se meu pai sonha... Não sei o que faria.

Henrique falou:

— Sei que não é certo, mas gostaria tanto de poder conversar mais com você. Aliás, você tem os olhos mais verdes que já vi. Parecem esmeraldas!

Isadora respondeu:

— Não é certo mesmo! Contudo, nunca ninguém teve a coragem que você teve, de vir falar comigo! Também gostaria de poder conversar mais com você, porém meu pai é extremamente ciumento, não me deixa sair de casa para nada, apenas de casa para a igreja e da igreja para casa. Como poderíamos nos encontrar?

Henrique acrescentou:

— Quando acabar o culto, encontrar-nos-emos atrás da igreja. Você concorda?

Isadora respondeu:

— Sim. Contudo, será segredo nosso!

E assim foi feito. Todos os domingos, os dois se encontravam nos fundos da igreja e, a cada domingo que passava, a amizade ia ficando mais forte. A desconfiança de Coronel Pedro aumentou, pois os atrasos de Isadora eram constantes.

Certo dia, Henrique trouxe um presente para Isadora, porém estava sem jeito de lhe entregar, afinal Isadora era rica e Henrique um jovem humilde. Depois de tanto treinar em casa, na frente do espelho, Henrique tomou coragem e lhe entregou:

— Isadora, tenho algo para lhe entregar!

— O que é, Henrique?

Ele lhe entregou um lindo relógio, com certeza mais do que suas condições lhe permitiam comprar, mas, sem dúvidas, Isadora o adorou.

— Isadora, espero que tenha gostado, este relógio estou lhe dando para que nunca se atrase para o nosso encontro, pois eu conto os dias, as horas e os minutos para que chegue logo o domingo, a fim de que possa ver você.

— Ele é lindo, Henrique! Não sei como agradecer. Eu também espero ansiosamente para o domingo.

Tempos depois, a amizade tornou-se paixão e os dois começaram a namorar escondido. Henrique chamava Isadora de olhos de esmeralda, pois não havia outro apelido que se encaixasse tão perfeitamente como este. Os olhos de Isadora eram tão verdes que chamavam a atenção de qualquer um.

Meses se passaram e os encontros se repetiam todos os domingos. Até que o pai de Isadora descobriu o namoro escondido da filha e todas as atitudes severas. Vendo que já não havia como esconder o namoro com Isadora, Henrique decidiu enfrentar Coronel Pedro Bezerra. Foi até a fazenda dele e ficou cara a cara com o temido e respeitado Coronel. Ao tomar ar, tentou abrir a boca para dizer as primeiras palavras ao pai de Isadora, Coronel Pedro já o interrompeu.

— Antes mesmo que tente dirigir a mim suas palavras, quero dizer que serão ditas em vão. Não há nada na face da terra que me faça aceitar esse namoro. Isadora não sairá mais de casa e vocês nunca mais irão ver um ao outro. Minha filha é rica! Não deixarei uma linhagem de Coronéis se perder por um “joalheirozinho” pobre feito você. Antes que aconteça algo pior a você e a seu pobre pai, ordeno que saiam da cidade e nunca mais voltem.

Sem dizer uma única palavra, Henrique, com os olhos cheios de água, saiu correndo. Isadora, que assistiu tudo pela janela de seu quarto, só teve uma coisa a fazer: chorar por seu amado.

Infelizmente, as táticas de Coronel Pedro deram certo. Henrique partiu sem ao menos ter tempo de se despedir de Isadora. Poucos meses depois, Isadora casou-se com Osvaldo Miranda, casamento arranjado de seu pai, que, ao realizar seu próprio sonho, mata o de sua filha. Isadora estava cada dia mais magra e pálida, e seus olhos verdes já não tinham o mesmo brilho.

Os anos foram cruéis com Isadora, que acabou ficando sozinha com seus três filhos. Muitos anos depois, quando Isadora já atingiu uma idade bem avançada, ela se viu sozinha. Seu pai, sua mãe e seu marido já estavam mortos. Restava apenas ela, seu filho Pedro, sua filha Otaviana, seu filho Paulo e sua esperança invejável de rever Henrique.

Certo dia, ao ir à mesma igreja onde se encontrava escondida com Henrique, Isadora decidiu fazer uma promessa. Em troca, pediu para reencontrar seu amado. Seu maior medo era morrer sem antes ver Henrique, nem que só mais uma vez. Contudo, tantos dias ela esperou em revê-lo que, infelizmente, sua esperança enfraqueceu e sua promessa se tornou só mais uma lembrança em sua mente.

Em um domingo, ao sair da missa, Isadora sentiu algo tocar seu ombro. Sem que se virasse, uma voz baixa sussurrou em seu ouvido esquerdo: — Finalmente te encontrei, meus olhos de esmeralda!

O coração de Isadora nunca pulsou tão forte. Ao se virar, Isadora se deparou com Henrique, já com seus 82 anos. Todavia, sem dúvida, o tempo não foi capaz de apagar um amor tão verdadeiro e puro quanto aquele. Depois de um longo abraço e várias lágrimas, os dois foram até a casa de Isadora. Henrique contou que nunca se envolveu seriamente com outra mulher, pois sentia que pertencia somente à Isadora. Isadora explicou que, após a partida de Henrique, seu pai obrigou que ela se casasse e, assim, o fez. Logo depois, teve seus três filhos com Osvaldo, porém ela sempre fazia questão de deixar bem claro que seu verdadeiro amor pertencia a Henrique.

É óbvio que os dois, mesmo depois de tanto tempo, quiseram ficar juntos até o fim de seus dias, que infelizmente não demorou muito tempo para chegar. Henrique não sabia, mas tinha um câncer maligno, em estágio bem avançado. Após 30 dias felizes e bem vividos ao lado de seu grande amor, Henrique morreu. Isadora, desolada, é claro, chorou dia e noite. Depois de certo tempo, já conformada, Isadora contou que valeu a pena esperar mais de meio século para viver 30 dias ao lado de seu amor. O tempo com certeza não foi a melhor companhia para os dois, mas o amor foi verdadeiro e ultrapassou os obstáculos.

“O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1CORÍNTIOS 13:4-7).

**SEENDY GUEDIN**

Aluna do 3º do ano Colégio Unesc

**[[Voltar ao sumário](#)]**



## Um amor e duas editoras

**E**ra mais um de seus dias normais, aqueles de rotina, Fabiana, mais conhecida como Ana, trabalhava para a editora da Revista A famosa, cerca de três anos. Iniciou sua carreira quando era apenas uma acadêmica de publicidade, quando tentava arranjar um estágio para cumprir as horas obrigatórias da faculdade. Ela se considerava uma mulher bem empregada, com uma vida aparentemente perfeita. Filha única, bem-amada pelos pais, conseguia juntar todas as suas economias para pagar, sozinha, suas contas e viver em um apartamento dos sonhos, com tudo que era do seu gosto. Ela visitava, e era visitada, frequentemente os pais, os quais ela amava muito. Ia todos os dias de ônibus para a editora, no mesmo horário, no mesmo ônibus, com o mesmo motorista. Uma mulher decidida sabia o que queria da vida, bem como seus princípios básicos.

Em um desses dias, Ana pegou o ônibus e acabou dormindo, por estar muito exausta da correria de seu serviço, e acabou sendo acordada por um homem, muito gentil e bonito, que ela não soube o nome. Dias se passaram e ela não reencontrou o rapaz. No dia de seu aniversário, sua melhor amiga, Lúcia, que era sua chefe, acabou dando uma folga à amiga, por ver seu esforço todo durante esses três anos. Ana não tinha palavras



para agradecer à amiga e acabou fazendo uma janta para comemorar. Neste mesmo dia, o rapaz que a acordou acabou pegando o ônibus dela e perguntou ao motorista:

— Você tem notícias daquela moça em que eu acordei outro dia?

— Ana? Ela está de aniversário hoje e me disse que ganhou folga da chefe dela.

— Pois bem, entregue esse bilhete a ela?

— Entrego, sim!

— Obrigado! — respondeu o rapaz.

No outro dia, Ana entrou no ônibus e Zé, motorista do ônibus, falou com ela:

— Bom dia, Ana! O belo rapaz que te acordou naquele dia deixou um bilhete para ti!

— Mas, por quais motivos ele deixaria um bilhete a mim? — disse a moça desconfiada

— Isso eu não sei lhe responder, Ana! Leia você mesma o bilhete.

— Tudo bem, obrigada, Zé!

E foi para o seu assento. No bilhete estava escrito: *Espero que tenha tido um ótimo dia de trabalho quando te acordei, por sorte, sei ser gentil.*  
*P.s.: Norberto.*

Ana ficou balançada com bilhete inesperado e acabou criando expectativas para receber outro. Por pura coincidência do destino, Norberto acabou pegando o mesmo ônibus de Ana e esperava, pacientemente, pela parada da moça. Ana entrou no ônibus e percebeu a presença de Norberto, como se já esperasse vê-lo. Sentou-se ao lado dele e disse:

— Então, você é o famoso rapaz do bilhete?

— E você a moça que eu acordei? — disse rindo.

— Eu estava muito cansada e acabei dormindo na pura inocência.

— Eu compreendo. Já passei por isso, mas infelizmente ninguém me acordou e acabei chegando atrasado na editora.

— Editora? Você trabalha em qual editora?

— Esquecida — disse o rapaz — por quê?

— Curiosidade.

Ana sabia o que isso significava. Norberto trabalhava em uma editora rival a de Ana e, conseqüentemente, todos acabavam não suportando os rivais e entravam em desavença.

— Você é novo por lá?

— Sou sim, terminei recentemente minha faculdade e estava à procura de um emprego. Fui indicado a vaga, e a diretora acabou gostando de mim.

— Qual faculdade você fez? — perguntou a moça, que já estava curiosa.

— Publicidade.

Deste fato em diante, a moça já percebeu que tinha muita coisa em comum com Norberto. Ana acabou dando seu número a ele. Depois disso, Norberto e Ana não paravam mais de conversar sobre assuntos em comum, de se encontrarem no ônibus, até que Ana percebeu que estava realmente apaixonada pelo moço. Ana sabia de que haveria dois problemas; entre eles: serem de editoras rivais e a diretora de Norberto, Carla. Ana não suportava Carla. Desde muito cedo, Carla invejava tudo que era de Ana e sempre dava um jeito de estragar todos os planos da moça.

Certo dia, Norberto resolveu tomar a iniciativa de convidar Ana para um jantar no seu restaurante preferido. Ana de cara aceitou e já imaginava como seria a noite romântica dos dois. Norberto e Ana estavam cada vez mais próximos e cada dia mais apaixonados, mas, com o orgulho acima do amor, não demonstravam nada em momento algum. Chegado

o dia mais esperado, Ana e Norberto foram ao restaurante e, depois de apenas uma troca de palavras e achado o lugar perfeito para sentar, surgiu a pessoa mais inconveniente à Ana: Carla. Todos sabiam que Carla não era mulher de um homem só e vivia atrás de outros comprometidos. Norberto percebeu o incômodo da moça e disse:

— Ana, você está bem?

— Estou um pouco tonta, talvez seja somente um mal-estar, daqui a pouco passa.

— Você quer que a gente vá para casa? — disse Norberto preocupado.

— Não, não precisa.

Norberto, então, resolveu puxar assunto com Ana, a fim de não deixar o ambiente tão vazio.

— Então, Ana, você ainda não me disse onde trabalha?

— Eu não queria falar sobre isso, mas já que você quis tocar no assunto, eu trabalho na editora A Famosa, sua rival

— Como você nunca quis me contar isso?

— Achei que você criaria um tipo de bloqueio contra nós, por ser novato na editora, sei lá!

— Não acabei criando, as pessoas incentivam as outras a isso, é praticamente impossível negar.

Ana percebeu que Norberto ficou furioso com a notícia de que sua amada era sua concorrente de trabalho, mas Ana tentou inverter a situação:

— Norberto, eu não disse por não estar segura do que você acharia de nós, não quero estragar tudo que construímos de uma forma tão radical.

Norberto calou-se. No fundo, ele sentia que a pobre moça não queria magoar o sentimento de ambos. Norberto resolveu ir ao banheiro, mas deixou seu celular desbloqueado em cima da mesa. Ana aproveitou

a oportunidade para dar uma olhada no celular do rapaz e acabou vendo Carla como contato escrito “amor” e a foto de perfil juntos. Ana não sabia o que fazer, resolveu esperar o rapaz chegar para tirar informações dele e tirar a limpo o que era aquilo. Enquanto ela tentava manter a calma, percebeu uma mensagem de Carla dizendo: “já conseguiu tirar todas as informações necessárias de Ana?”. Ana, enfurecida com aquilo, mal deixou o rapaz sentar e já foi gritando com ele:

— Que história é essa de tirar todas as informações necessárias? O que você está fazendo?

— Calma, Ana, eu posso explicar!

— Como explicar, Norberto? Está na cara que você só se aproximou de mim para pegar todas as informações da editora, e se fez de sonso todo esse tempo!

— Calma, Ana, também não é bem assim!

Ana foi ao banheiro, desesperada de tudo que tinha ouvido do homem em que estava apaixonada. Então, passou uma água em seu rosto, tomou coragem para voltar. Quando chegou à mesa onde estava, lá estava Carla agarrada em Norberto. Ana gritou:

— Como você teve coragem de fazer isso comigo, Norberto?

— Eu juro que não é isso que você está pensando, Ana! Acredite em mim!

Quando Norberto terminou a frase, Ana já havia corrido do lugar para bem longe dele. Ana estava desesperada, não sabia o que fazer, o que pensar e correu para a amiga Lúcia, sua confidente. Chegando em sua casa, a amiga fez questão de ouvir a amiga, pacientemente, e ajudá-la no que fosse preciso. Contudo, não demorou muito até que Norberto descobrisse onde ela estava. Norberto não desistiu um só minuto de bater na porta de Lúcia. Quando Ana já não aguentava mais o moço batendo,

trancou-se no quarto e disse a Lúcia para falar para ele entrar e provar que ela não estava ali, mas era tarde. Norberto dizia sentir o perfume da moça. Norberto não aguentava mais o sentimento de culpa e disse, de fora do quarto, para a moça:

— Ana, eu amo você, com todas as minhas sinceras palavras. Carla me pediu para que conquistasse você e sugasse todas as suas informações da editora, eu aceitei no calor do momento, mas acabei me apaixonando por essa mulher incrível e batalhadora que você é. Eu juro a você que eu amo muito você, verdadeiramente. Carla nunca aceitou que eu terminasse com ela para ficar com você, mas o amor manda no coração e eu me senti melhor assim, sem ela, somente com você. Você é meu amor de verdade, você é minha história do ônibus, minha paixão não passageira, você é com quem eu quero ficar para o resto da minha vida e só te peço uma coisa: perdoe-me, eu não queria ferir seus sentimentos!

Ana sentiu a verdade nas palavras do rapaz que, para ela, tornou-se homem naquele momento em que dissera toda a verdade. Ela jogou-se em seus braços e deram um longo e belo beijo apaixonado, como o esperado por Ana todo esse tempo.

Depois disso, Ana e Norberto decidiram namorar e terem filhos, frutos desse amor de “ônibus”. Norberto pediu sua demissão da editora e acabou indo trabalhar com Ana e Lúcia. A editora estava cada vez mais famosa e lucrava cada vez mais. Carla acabou perdendo o cargo de diretora após descobrirem todas as maldades que ela fazia com os funcionários, inclusive com funcionários da editora rival. Ana sentiu-se uma mulher realizada e, agora, mais amada.

**VITÓRIA NOVARES DEOLINDO**

Aluna do 3º do ano Colégio Unesc

**[[Voltar ao sumário](#)]**

## O amanhecer

**E**nquanto se arrastava fracamente entre corpos mortos, com sangue brotando de seus vários ferimentos, seus momentos de glória passavam diante de seus olhos, lembrando-se de quando a paz reinava sobre as terras e prosperava entre os vales. Lembrava-se de seus filhos, de sua esposa linda, dos que lhe ajudaram em sua jornada. Contudo, por mais que lutasse, ele viu tudo se distanciar.

*Oito horas antes, recém destruída Vila Litorânea, século XII.*

— Então, encontraram algo? — disse Ulf, chefe e comandante.

— Nada ainda, meu senhor!

— Intensifiquem as buscas.

Ulf mexeu nos destroços e encontrou o antigo medalhão que deu ao seu velho sacerdote, quando criança, o qual jazia entre as cinzas, fazendo-o sentir raiva e culpa. Solto um grito de angustia:

— Senhor...

— Diga, homem!

— Encontramos vestígios! Alguns fugiram para as montanhas.

— O que estão esperando? Andem!

A tropa recém-chegada partiu para o vale, em busca de algum sobrevivente. As buscas continuaram durante à noite, até que, às margens do rio, onde as pedras formavam um abrigo, alguns refugiados se

escondiam, já fracos e com alguns ferimentos. Ulf correu em direção à margem do rio, a fim de vê-los.

O ar mudou e o sentimento de alegria tomou conta de seu corpo ao descobrir quem eram. Era sua mãe, Sigrid, uma antiga costureira conhecida pelos moradores, bondosa e que possuía um coração que não negava a uma alma o perdão.

— Meu filho... — disse ela, com voz fraca, mas com um tom de alegria em vê-lo — Você voltou...

— Sim, minha mãe! — disse Ulf.

— Você está tão belo...

Ulf estava com o seu rosto coberto por uma lágrima.

— Foi ele, meu filho... Ele está cego pela raiva!

Sigrid olhou para o filho. Com o rosto tomado pelas lágrimas, passou sua mão pelo rosto de Ulf, que a segurou e, então, viu sua mãe descansar para sempre.

Ulf gritou de tristeza e pegou a mãe nos braços, levando-a de volta à praia. A chuva começou a cair, como se o céu estivesse de luto, e quase apagou as tochas que iluminavam o caminho onde os homens de Ulf formavam um corredor. Ao final da praia, ele sepultou a mãe. As lembranças surgiram em sua cabeça como uma pedra, lembrou-se de quando caminhava junto a ela na praia, dizendo que, quando crescesse, viraria o homem mais bravo que o mar nórdico já tinha visto.

Um de seus homens apareceu agitado dizendo:

— Senhor, os navios negros se aproximam!

Sem dizer nada, Ulf deu as costas ao túmulo de sua mãe e foi, em passos pesados, de volta à vila. O ressentimento e a raiva dominaram seu corpo, tornando-o agressivo.

Na vila, ouviu-se ao fundo uma voz grave, vinda dos mares que ecoou pelo vale:

— Onde ele está?

Em seguida, em meio a chuva, cerca de 20 navios com velas negras surgiram da escuridão e atracaram a alguns metros da costa. Ulf tomou a frente na praia, o silêncio foi quebrado pelas pequenas ondas na beira da praia e pelas tochas e fogueiras que estalavam. Em um movimento rápido, Ulf arremessou uma lança em direção aos barcos, que cravou na parte central do dragão que enfeitava a frente do navio, no meio da frota.

— Ai está ele! — disse o grande e barbudo Bálder, que logo em seguida soltou uma risada — Ele apareceu.

— Por que voltasse? Estes mares não merecem um ser como você, navegando sobre ele.

— Não está feliz de ver o seu velho pai?

— Meu pai morreu assim que deixou essas terras dominado pela raiva!

— Não trate seu pai desse jeito — disse Bálder, rindo ironicamente — Apenas voltei para buscar o que era meu.

— Nada lhe pertence aqui!

— Ah pertence, sim.... Muita coisa aqui me pertence, agora! Como a alma de sua mãe!

Ulf, completamente revoltado, deu um grito de ordem e seus arqueiros atiraram suas flechas em direção as embarcações. O tempo começou a passar cada vez mais lentamente, enquanto ambos os lados avançaram em direção ao combate. O exército de Bálder lançou suas flechas, porém muitos já foram atingidos pelas flechas aliadas, outros pularam das embarcações e correram em direção ao combate.

As primeiras mortes ocorreram, espalhando os gritos de agonia e barulhos de espada pelo ar, o sangue tomou conta da pequena faixa de água que cobria os pés. Bálder enfrentou a batalha como se nada estivesse



ocorrendo, sua força fez com que o martelo de duas mãos jogasse longe os homens de Ulf. No meio da batalha, pai e filho encontraram olhares que ficaram cravados uns nos outros, por um tempo. Logo, o sorriso falso de Bálder fez Ulf ir atrás dele.

Em menos de alguns segundos, pai e filho se encontravam em uma batalha até morte. A força de seu pai, quase o dobro, não amedrontou Ulf, apenas lhe deu mais vontade de vencê-lo, cada golpe desferido foi devolvido em raiva, que foi acumulada durante anos.

— Foi isso que te ensinaram? Lutar desse jeito? — disse Bálder

— Ensinaram-me a lutar de maneira correta!

— Não me faça rir!

Um golpe na altura das pernas derrubou Ulf no chão, que não possuía muito tempo para se levantar, apenas se desviar das marteladas vindas de seu pai, que quebravam as pedras no chão.

— Seu sangue é o mesmo que corre em minhas veias, Ulf! Não negue isso!

Ulf, sem mais forças, ainda no chão, segurou o martelo de seu pai, que o pressionou contra as pedras quebradas, rasgando sua pele. A dor fez com que sua espada caísse a alguns passos dele. Em um último ato de heroísmo, Ulf empurrou o martelo, que o esmagava no chão, com uma força estrondosa. Escapou para o lado, agarrando sua espada e, em um único movimento, cravando nas costas de quem um dia foi seu pai, disse em seu ouvido:

— Eu nunca fui seu filho!

Bálder caiu com um derradeiro suspiro saindo de seus pulmões. Logo, seu sangue tomou conta do solo.

A manhã começou a clarear e Ulf percebeu que era o último guerreiro a permanecer em pé. Contudo, caiu sem aguentar seu peso em suas pernas, fraquejadas de uma longa batalha.

Enquanto se arrastava fracamente entre corpos mortos, com seu sangue brotando de seus vários ferimentos, seus momentos de glória passavam diante de seus olhos, lembrando-se de quando a paz reinava sobre as terras e prosperava entre os vales e que, a partir daquele momento, ele teria certeza que ela voltaria. Lembrava-se de seus filhos, de sua esposa linda, que deixou precocemente, devido à fúria dos mares, pensava nos que lhe ajudaram em sua jornada de vida. Todavia, por mais que lutasse, ele sentia que não conseguia mais aguentar. O sol iluminou seu rosto entre a névoa, que substituiu a chuva. Sentia seu corpo descansar sobre as pequenas pedras molhadas, que, em instantes, tornaram-se vermelho sangue. Foi aí que ele soube que a tarefa estava concluída. Sua respiração agora se tornou suspiros, sua força virou cansaço, sua vida chegou ao fim. Seus olhos se fecharam.

**VICTOR MACHADO DOS SANTOS**

Aluno do 3º ano do Colégio Unesc

**[[Voltar ao sumário](#)]**



# Memórias

— **P**or que diabos vocês dois demoraram tanto para chegar aqui? — falava Charlie, enquanto comia metade das palavras por conta do cigarro que levava na boca, seu amigo de muitas ocasiões — Tínhamos marcado a mais de uma semana.

— Imprevistos acontecem, convenhamos que esse não seja um bom lugar para sermões, não acha? — Charlie olhava furioso para Robert, por ser interrompido e permanecer sem explicações.

O silêncio instaurou-se entre nós três, a única coisa que se ouvia era a música de dentro da festa, conversas paralelas de grupos de amigos, uma Drag Queen que desfilava e induzia olhares cheios de graça e admiração próximo à entrada da boate e as fortes tragadas de Charlie durante cinco minutos ininterruptos, até que Robert, já irritado, saiu em direção a um canto isolado do barulho, com o seu celular na mão:

— Vou ligar para as garotas, daqui a pouco não poderemos mais entrar. Aproveitem e vão comprar os ingressos, ao invés de ficarem parados esperando um milagre — saindo logo após, sem se preocupar em explicar algo.

— Às vezes, queria entendê-lo um pouco, essas explosões dele desanimam em assumir algo sério! — murmurei para Charlie, enquanto me fitava com seus olhos negros a procura de alguma explicação pela ação

de Robert conosco — Não me olhe desse jeito, dessa vez não fiz nem falei nada! — na verdade, era esse o problema: nem conversamos a respeito para esclarecer tudo — Limpe essa sua camiseta, está toda suja com restos de cigarro, como sempre! — ele a limpou, dando de ombros para os comentários que envolvem seu vício.

Conheci Charlie há seis meses e já havia me acostumado rapidamente com seu temperamento frio e indiferente para as opiniões de seus amigos, mesmo todos sabendo que no fundo guardava um carinho especial por quem demonstrasse compaixão com ele, mas tinha medo de apresentar fraqueza, sempre fingimos não perceber para preservar seu espaço. Conheci-o poucos dias após Robert, quando fui para sua casa, em um bairro que nunca me recordo, para assistir a um filme, o que não sabia era que teríamos companhia naquela tarde. Um certo incomodo, durante o resto da tarde, era o olhar de Charlie me julgando a todo instante, avaliando-me para ser digno de seu amigo, causando certo receio por minha parte, mesmo sendo tranquilizado por Robert, que é comum esse tipo de reação dele com algum cara que está começando a relacionar-se.

Após longos sete minutos, que pareceram uma eternidade, tivemos tempo suficiente para comprar os ingressos e o esperar próximo a um poste que Robert afastara-se para fazer a ligação. Ele voltou aparente mais calmo, mas ainda olhava pelo canto do olho desde que brigamos no quarto, antes de virmos para cá. A forma que me tratava magoava e isso se repetia há meses, mesmo após várias conversas, até mesmo, inconscientemente, não mudou seu comportamento.

— Elas acabaram de chegar à bilheteria e estão entrando. Vamos nos apressar! — disse Robert com certa urgência, enquanto olhava para o relógio. Rapidamente, pegou minha mão e nos dirigimos à entrada. Aquela reação me surpreendeu de certa forma, deixando-me com um sorriso envergonhado, lembrei-me de nossos momentos únicos.

A multidão na portaria tinha crescido de forma assustadora, para uma noite de sexta-feira. Avistamos vários rostos conhecidos que passavam cumprimentando e rindo para matar o tempo da fila, acabamos ficando mais de dez minutos até entrarmos e encontrarmos Zyra e Alicia, que estavam recebendo doses de tequila em uma daquelas armas coloridas de brinquedo que soltam água. Automaticamente, ao nos verem, correram para nos abraçar, amigos de longa data delas.

O som ensurdecedor não nos deixava ouvir nada sobre o que conversavam, mesmo não me importando muito com o que falavam. Havia vários fios coloridos sobre a pista de dança, os quais lembravam vagamente uma teia gigante, enquanto pessoas dançavam abaixo dela, eles reagiam a cada luz que saía do palco, o que causava total imersão na música, nas pessoas e, principalmente, na diversão. Aquele ambiente me fez esquecer quem eu era por alguns instantes, preenchendo-me com cada nota musical que era emitida pelas caixas de som. Meus pensamentos pararam quando minha melhor amiga me puxou pela camisa para dar um de seus abraços mais apertados, ao mesmo tempo em que me “xingava” e ria por estar atrasado.

Robert e eu acabamos nos separando e indo para lados distintos, mas não por minha escolha, a qual era nos divertirmos juntos com os amigos, de forma que resolvêssemos nossa discussão e dançássemos como comentamos algumas vezes no quarto, rindo um do outro entre carícias e beijos. Contudo, ocorreu tudo fora do planejado, tomamos distância, mas ele não tinha se afetado e continuava a divertir-se. Percebi que minha companhia, às vezes, era algo sem muito valor perto de amigos, sentia-me usado e ignorado com todo seu charme galante, não era a primeira vez que me sentia assim e sabia que não seria a última. Enquanto o admirava, senti lágrimas que nem mesmo eu sabia o porquê estavam saindo, uma dúvida que apertava o peito.

— Monroe! O que está acontecendo? Viemos para se divertir! — gritava Clary, com a voz abafada pela música que ecoava no ressoante, tentando me animar — Repita comigo: DI-VER-TIR! — eu ria ao passo que ela silabava já bêbada — Pode rir à vontade, somos crianças, mas somos felizes!.

— Tudo bem! Cada coisa que faço por ti... — tomei fôlego e comecei a gritar junto com ela — DI-VER-TIR! — dei uma longa pausa após ficar sem ar — Agora vamos beber algo para que eu melhore logo, único remédio imediato!

E, juntos, seguimos rumo ao bar. Ficamos cerca de meia hora aproveitando toda dose que aparecia na nossa frente, até que voltamos para a pista de dança, tontos e falando enrolado.

No caminho, esbarrei com Robert, que estava indo em direção ao bar com Alicia. Ele sorriu e, por conta de toda aquela quantidade de álcool, retribui, passei minha mão por trás de sua nuca e, envolvendo-o com meu braço em sua cintura, puxei-o para perto de mim, alinhando nossos corpos enquanto nossos lábios se tocavam. Eu sentia o calor de sua boca preencher a minha, ao mesmo tempo em que dançávamos sensualmente, o que nos excitava cada vez mais, a cada movimento e, até mesmo, a cada som que emitíamos.

Os pensamentos preenchiam minha cabeça e me remeteu ao dia em que nos conhecemos, de uma conversa que se tornou um beijo que transmitia sentimentos, por mais que receosos, a se libertarem pelo fim recente de um relacionamento de Robert, ele deixou-os libertos de forma selvagem e carinhosa ao toque de peles. Permitiu-se amar e esquecer o passado que o rondava. As memórias começaram a concretizar-se na minha frente.

— Acho que um rapaz bonito como você não deveria ficar sozinho nesta festa! — dizia o rapaz que me observara a uns dez minutos, ao

passo que chegava cada vez mais perto durante esse tempo. A beleza dele era de se admirar.

— Vim tomar um ar e, além do mais, estou cansado de danças!

— Então, por que não aproveita para fazer algo diferente e dá uma volta comigo para conversarmos? — enquanto me olhava de forma graciosa e admirada — Eu poderei ter essa honra?

— O que eu tenho a perder mesmo? — um grande sorriso abriu-se em seu rosto.

Assim ficamos até o amanhecer, conversando sobre nossas vidas, desde o trabalho, comidas, hobbies e exercícios físicos, até que paramos em um banco para descansar. Coloquei minha cabeça entre as mãos durante um tempo, em silêncio. Após voltar a posição normal, virei-me para o rapaz que conheci a pouco tempo e fiquei dessa forma durante um tempo. Ele fazia o mesmo.

— Sabe... Nem eu sei ao certo por que te chamei para conversar. Só senti essa necessidade de tentar algo novo... — comentou Robert, que a essa altura já tinha me falado muito sobre sua vida.

— Eu agradeço por ter tido essa oportunidade, e quase que deixei de vir à festa hoje... — sentindo essa necessidade cada vez mais forte, curvei-me em direção a Robert, que consentiu da mesma forma, vindo ao meu encontro.

Beijamo-nos como dois amantes de anos no primeiro raio de sol.

**VICTOR FELIPE BURATO**

Aluna do 3º ano do Colégio Unesc

**[Voltar ao sumário]**

## Trocando hábitos

**P**edro Michel Médici da Silva era um rapaz que acabara de trocar de colégio, tinha 16 anos e não conhecia ninguém em sua nova escola, Colégio Geração, em Campinas, São Paulo. Ele sempre estudara em colégios públicos, não porque sua família não tinha condições, mas por acreditar que “Chel” (assim chamado por sua querida avó) ficaria melhor ali perto de sua casa e dos olhares atentos de sua família. Talvez, por isso, era muito recatado em sala de aula, quieto, poucos amigos, suas notas eram razoáveis o bastante para passar de ano. Contudo, durante o primeiro ano, ele viveu muitas complicações. Um de seus melhores amigos, João Vitor, morreu em um acidente de carro, pois o motorista (amigo do amigo) estava embriagado. Sentindo muito sua falta, Pedro entrou em depressão, engordou muito, começou a sofrer *bullying* (ele já era um pouco execrado das rodinhas dos alunos, por ser mais riquinho que os outros) dos valentões da escola.

Até que um dia, ele se revoltou, mudou radicalmente seu estilo, entrou na academia e fez dietas rigorosas. Mesmo assim, ele ainda era chutado pelas pessoas daquele lugar. Não aguentou a pressão e estourou: pegou o taco de beisebol e umas sacolas de mercado e, no último dia de aula, bateu nos caras e os sufocou com a sacola, por pura vingança. Ele, obviamente, foi convocado a se retirar do colégio e, como já estava no



pensamento de seus pais, visando ao vestibular colocaram ele no Colégio Geração:

“O melhor colégio vem acompanhado do melhor futuro para a próxima GERAÇÃO!” dizia o *slogan* da propaganda em um *outdoor*, no centro da cidade.

Em fevereiro, iniciaram as aulas. Pedro estava totalmente diferente do que era antes, com os tênis e os bonés das marcas mais quentes do mercado, muito mais magro e o uniforme de um colégio de peso na cidade. Pedro chamava a atenção dos jovens e, principalmente, das meninas de sua nova sala, mas uma lhe chamava a atenção, era diferente de todas as outras. Em seu primeiro dia, Pedro jurou ser diferente de tudo o que havia sido antes. Começou a puxar assunto com os *moleke piranha vida loka* da sala, Caio, Lucas, Júlio Cesar e Rodrigo, chamados de “Esquadrão do Terror” pelos professores (era tudo que sua mãe não queria e temia):

— O moleque, curte uma massa? — perguntou Lucas.

— Massa? - Pedro respondeu em forma de pergunta.

— É mano, seu tapado! Massa, erva, verdinha, marijuana, maconha — retrucou Lucas.

Pedro nunca havia fumado nada, porém, para se entrosar com a rapaziada, falou:

— Óbvio, mano! Mas, por enquanto, tô de boa, quero saber daquela gata que tá ali no canto, com o fone de ouvido.

Caio já chegou falando:

— Mano, aquela ali é a Nicole, aquela mina é sinistreira, bem quieta, pá! Mistério puro, ô sangue bom!

De fato, não se sabia muito sobre ela, mas ela era muito diferente, seu jeito de vestir, seu vocabulário. Passando-se os dias, Pedro se encaixou no “Esquadrão” e, para se soltar, todos os dias, antes da aula, eles

“queimavam um” escondido. As notas de Pedro iam de mal a pior e ele só tinha olhos para Nicole, seu amor platônico. Certa tarde, houve um trabalho geral em sala e, na volta, Pedro teve sua chance de puxar assunto com Nicole:

— Oi, como vai?

Com essa pergunta, Pedro Michel cometia um dos maiores erros de sua até então tranquila e pacata vidinha, todos os acontecimentos subsequentes levaram-no ao triste fim de Pedro. Nicole era envolvida no movimento Rave, festas que duram dias e que rolam muitas drogas pesadas, Pedro não sabia quase nada sobre isso e, quanto mais sua amizade com Nicole crescia, mais ele era influenciado por ela, até que um belo dia sai um convite:

— Pedrito, tem uma festinha semana que vem, muito louca, vamos dalé muito, até não dar mais, vamos? — Nicole chamou Pedro pelo *Whatsapp*.

— Bá, Nico! Nem sei o que te dizer, vai ser muito ruim de ir, a não ser que eu consiga convencer o Júlio a ir comigo!

— Aff... O Júlio? Se é para tu ires, que vá com o Júlio, mas, assim, nessas festinhas sempre rola algo a mais, né? Não quero mais só amizade entre a gente — Nicole respondeu e deixou Pedro em estado de glória.

Ah... Os homens e seus desejos descontrolados por um “rabo de saia”. Ele não pensou duas vezes e deu um jeito de ir, mesmo os pais não gostando daquilo. Chegando à festa, as pessoas da casa noturna que ele mal conhecia já lhe ofereceram um “doce” (mais conhecido como LSD) e, para agradar a Nicole, tomou dois deles. Pedro achava que não ia ter efeito, mas o contrário aconteceu, ele via milhares de coisas e luzes crepitavam no espaço, viajava e dançava muito, entrou em um estado psicodélico total e não queria sair mais daquilo, como se sua vida era muito sem

graça, de acordo com ele próprio. Foi até às quatro horas da manhã, após ter tomado seis “doces”, tomou uma bala de *ecstasy* com um copo de bebida alcoólica. Ele ficou muito alucinado e começou a passar mal, não falava coisa com coisa. Quando o SAMU chegou, ele estava a caminho do hospital, gravaram toda a sua cômica reação e isso viralizou na *internet*. Ele ficou famoso, não por algo bom que tinha feito, mas por querer pagar de malandrão e ser alguém que ele não era, só para impressionar uma “ganguezinha” e uma garota. Assim, mudou seus hábitos.

**VICTOR HENRIQUE DA SILVA**

Aluno do 3º ano do Colégio Unesc

**[[Voltar ao sumário](#)]**

# Autores

Beatriz Rodrigues Da Silva

Fernanda Vitali

Gabriele Schuck

Giórgia Silva Dos Santos

Guilherme Francisco Rocha De Carvalho

Hiôrran Sebastian Taufembach

João Vitor Soares

Júlia Carvalho

Loren Menegildo Dos Passos

Manuela Willemann Zanatta

Maria Laura Somara

Sarah Hereibi

Saulo Rogério Pacheco Rocha

Seendy Guedin

Victor Felipe Burato

Victor Henrique Da Silva

Victor Machado Dos Santos

Vitória Novaresi Deolindo